

Sequência Didática

Da Covid-19 à Peste Bubônica

Solução mediadora de aprendizagem integrante da dissertação "Da Covid-19 à Peste Bubônica: Pandemias, Temporalidade e Ensino de História", apresentada ao Mestrado Profissional em História - ProfHistória/Uesb.

Orientadora:
Profa. Dra. Cleide de Lima Chaves
Vitória da Conquista - 2022



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



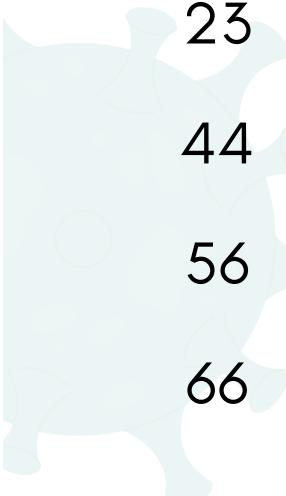
UESB
Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia



Sequência Didática

SUMÁRIO



- 02 Pandemias e suas possibilidades práticas na Educação Básica
 - 04 Conceitos em foco
 - 10 Apresentação
 - 13 Módulo 1
 - 20 Módulo 2
 - 23 Módulo 3
 - 44 Módulo 4
 - 56 Módulo 5
 - 66 Avaliação e culminância
- 

PANDEMIAS E SUAS POSSIBILIDADES PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Esta proposta de trabalho é destinada a professores do Ensino Fundamental II. Ela é fruto da minha dissertação de Mestrado no ProfHistória, que teve como finalidade apresentar um suporte teórico e metodológico sobre a História das doenças, que venha a contribuir na prática pedagógica no Ensino de História da Educação Básica. Dessa forma, foi preparado um material teórico-didático que oferece suporte para o ensino dentro da sala de aula.

Na parte dos “conceitos em foco”, para facilitar o trabalho do professor, são apresentados de forma resumida os principais conceitos discutidos nas duas primeiras seções da dissertação. Em seguida, na parte “mobilizando os conceitos na prática docente: sequência didática”, a proposta buscar relacionar a teoria com a prática docente, apresentando vários conteúdos distribuídos em módulos, que poderão ser abordados na sala de aula de forma geral ou individualmente, de acordo com a necessidade do professor. Espero que seja uma proposta bastante proveitosa, principalmente por abordar temas tão presentes em nossa sociedade.

O ensino de História tem papel fundamental para que os alunos compreendam o tempo e os espaços históricos dentro de uma diversidade coletiva e cultural, bem como se identifiquem como sujeitos históricos. E o momento atual – Pandemia da Covid-19 – coloca a todos em um grande laboratório de observações e experimentações da humanidade. Desde janeiro de 2020, a crescente proliferação do novo coronavírus modificou completamente nossas ações, colocando-nos em um cenário de incertezas e perplexidades.

Dessa forma, nos tempos atuais se torna um desafio para o professor de História, comprometido com a construção do conhecimento de seus alunos na sala de aula, desenvolver ferramentas necessárias, que auxiliem o aluno a pensar historicamente, a analisar e interpretar diversas fontes, levantando problemas, produzindo sentido e elaborando narrativas históricas. Como afirmam Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2012, p. 34): “Ensinar História passa a ser, então, dar condições ao aluno para poder participar do processo de fazer o conhecimento histórico, de construí-lo”.

O ensino de História exige uma prática que vai além da reprodução de conteúdos, mas que insira no dia a dia da sala de aula uma ousadia criativa e interpretativa. Isso se aplica a um ensino que ultrapasse o conteudismo proposto nos livros didáticos e em que o conhecimento cognitivo seja mediado através de reflexões e práticas relacionadas a uma realidade plural de saberes e culturas, incorporadas em diferentes agentes sociais; um ensino de caráter democrático, que trabalhe os conceitos de temporalidade, como continuidades e rupturas, diversidade e pluralidade, mudanças e transformações.

E nessa perspectiva de ensino o trabalho com a história das doenças no Ensino Fundamental se faz necessário. Abordar as doenças dentro das conjunturas e estruturas temporais, a partir das análises históricas, sociais, econômicas, políticas e culturais, possibilitando que os alunos reflitam sobre as rupturas e permanências, como também ampliem suas análises acerca de sua realidade política, social e cultural.

E, na perspectiva de abordagem da Covid-19, faz-se necessário principalmente analisar os problemas estruturais da sociedade brasileira que ficaram mais evidentes. Os direitos básicos dos cidadãos estão sendo ainda mais violados, como o direito à saúde, à moradia, à alimentação, à educação, e evidenciam o descaso do Governo Federal com a vida e o negacionismo em relação à doença. São muitas narrativas que devem ser analisadas e devidamente criticadas à luz do conhecimento histórico científico. E as questões são: o que se vivencia com a pandemia da Covid-19 que já foi vivido em outras eras? Como outras sociedades, em outros períodos, vivenciaram esses processos? Para responder a essas questões, cabe citar Dilene Raimundo do Nascimento:

Finalmente, no caso da Covid-19, hoje por todos nós vivenciada, caberiam reforçar alguns elementos que a experiência acumulada ao longo do tempo em relação a fenômenos epidêmicos nos legou. Esses elementos devem se constituir para nós em instrumentos eficazes de enfrentamento das questões que a atual pandemia nos traz. É possível que, se soubermos manipulá-los com sensibilidade e inteligência, consigamos superar esse surto pandêmico com maior rapidez e, quiçá, com sucesso. E que num futuro breve ou distante não tenhamos de sofrer tudo outra vez para reaprender a arte de vivermos simultaneamente em natureza e sociedade (NASCIMENTO, 2020, p. 173).

Até porque, lidar com uma pandemia com proporções mundiais não é algo novo na história, e o presente trabalho traz a necessidade de estabelecer relações entre a atual pandemia de coronavírus (Covid-19) com outros fenômenos pandêmicos, como a peste bubônica (séc. XIV- XVIII), o cólera-morbo (séc. XIX) e a Gripe Espanhola (1918-1920), analisando as permanências e mudanças ocorridas no comportamento humano diante da doença.

Conceitos em foco:

História e doença

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, foram diagnosticados os primeiros casos de uma síndrome aguda respiratória, que em menos de três meses se alastrou para diversas partes do mundo, com casos de doença e mortes. Em 11 de março de 2020, o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom, declarou que a Organização elevou o estado da contaminação à pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2). A partir de então, iniciaram-se em diversos países e Estados ações e protocolos de combate à proliferação do vírus.

Assim, orientações como “fiquem em casa”, “usem máscaras”, “lavem as mãos”, “usem álcool em gel”, “evitem aglomerações”, tornaram-se rotineiras em diversas partes do mundo. Essas orientações, advindas, principalmente, da Organização Mundial de Saúde (OMS), são apresentadas como essenciais para diminuir a propagação do vírus. Em alguns lugares, fronteiras foram fechadas, a quarentena foi decretada, deixando vazias as ruas e espaços coletivos não essenciais. Enquanto isso, os serviços de saúde ficavam sobrecarregados devido à alta disseminação da Covid-19.

Ao mesmo tempo, autoridades governamentais e comunidade científica buscavam estratégias para mitigar seus efeitos e trazerem respostas para a sociedade, que se encontrava apavorada no momento que se instaurava. Pesquisadores das Ciências Sociais se debruçaram em estudos e pesquisas para compreender esse momento histórico vivenciado por todos nós.

Entretanto, como afirmam Gustavo Corrêa Matta, Sergio Rego, Ester Paiva Souto e Jean Segata, a história não tem o destino prescrito; os desafios postos pela pandemia da Covid-19 levam a uma necessidade de reimaginar as Ciências Sociais e Humanidades, já que o “mundo pós-pandemia está em disputa e as Ciências Sociais têm um papel fundamental na redescritção da história da humanidade (MATTA *et al.*, 2021, p. 23).

A renovação historiográfica posta pela Terceira Geração dos Annales, na década de 70, inspirada nas análises de Michel Foucault, resultou na apropriação do conceito de saúde e doença também para o campo das Ciências Sociais. Afinal, a doença não é somente um evento biológico, ela é carregada de representações sociais, políticas, econômicas e históricas, envolvendo diversos atores sociais, como os médicos, os cientistas sanitários, os doentes, entre outros. Principalmente porque a doença não se manifesta de forma homogênea, ela se diferencia em diferentes contextos e espaços, especialmente em situações de desigualdades

sociosanitárias, como também nas dimensões sociopolíticas que interferem diretamente nas formas e estratégias do combate da doença.

A doença como objeto de estudo da historiografia é analisada dentro da sua temporalidade e espacialidade. O que leva à compreensão dos comportamentos humanos nesse período, como o medo, ansiedades, as estruturas sociais, concepções culturais e práticas institucionais (SOUZA, 2007, p. 23). Ao analisar a história social da doença, são percebidos tanto o contexto como os atores sociais, as ações políticas, as ações da sociedade, principalmente em períodos epidêmicos, como afirmam Anne Silveira e Dilene Nascimento.

Com fronteiras bem estabelecidas tanto no tempo – duração – como no espaço – área geográfica –, as epidemias são episódios de existência breve, mas intensa e arrebatadora, e é esse caráter de crise, de ruptura com uma determinada estrutura que tem chamado a atenção dos pesquisadores, uma vez que possibilita iluminar aspectos diversos da vida humana. (SILVEIRA; NASCIMENTO, 2004, p. 24).

A doença é algo comum nas sociedades humanas, enquanto uma epidemia/pandemia é um fenômeno ímpar em tempo e espaço diferenciados, mas que nas vicissitudes sociais carregam algo de semelhante. O evento epidêmico pode ser definido como uma “manifestação, em uma coletividade ou região, de um grupo de casos de alguma enfermidade que excede claramente a incidência prevista” (BARBOSA, 2003, p. 495). Já o evento pandêmico é o pior dos cenários: ocorre quando a doença se espalha em diversos países em nível mundial. Como é o caso das contagiosas, como a peste bubônica, o cólera, a gripe e a Covid-19. Michel Foucault diz:

A análise de uma epidemia não se impõe como tarefa reconhecer a forma geral da doença, situando-a no espaço abstrato da nosologia, mas reencontrar, sob os signos gerais, o processo singular, variável segundo as circunstâncias, de uma epidemia a outra que, da causa a forma mórbida, tece em todos os doentes uma trama comum, mas singular, em um momento do tempo e em determinado lugar do espaço. (FOUCAULT, 1977, p. 26).

Nessa perspectiva, “a doença é quase sempre um elemento de desorganização e de reorganização social” (REVEL; PETER, 1988, p. 144). Ela é carregada de diversas expressões e significados construídos pelas múltiplas realidades sociais, culturais, políticas, religiosas, econômicas e históricas. Assim, uma questão comum na área da história da saúde é: o que se pode “aprender” com o conhecimento das epidemias do passado? Pois cada fenômeno epidêmico foi único, vivido em contextos diferentes, o que impede qualquer parâmetro de comparação. No entanto, é justamente a experiência do passado que traz aprendizados que podem ser instrumentalizados nas decisões e enfrentamentos das epidemias atuais,

principalmente porque muitas representações das doenças no passado são corriqueiras nas atuais.

Entre as representações mais características que a doença traz estão: o medo do contágio, que leva à fuga dos lugares infectados; a busca de remédios milagrosos; a busca da religiosidade, que vê no poder divino tanto uma ira implacável como a resposta para a superação; a busca de culpados; as tentativas profiláticas de prevenção; a minimização dos efeitos do surto epidêmico; as condições econômicas que afetam desigualmente os grupos sociais. Esses comportamentos, apesar de serem repetidos em todas as epidemias, carregam sentidos diferenciados devido à complexidade de cada sociedade, além do tempo e espaço em que ocorrem.

Nessa percepção, o tempo se transforma em catalizador para analisar os processos históricos específicos, produzindo conhecimento que permite conhecer o passado e interpretar o presente, indicando sentidos e direções na adoção de políticas públicas e compreensão dos processos sociais estruturados na sociedade, e alternativas de mudanças e processos. (HOCHMAN; SANTOS; PIRES-ALVES, 2004, p. 37-38). E com a história das enfermidades não é diferente, principalmente por serem tanto a doença quanto a saúde eventos biossociais carregados de processos de disputa, por crenças religiosas, pelas estruturas de classes como também pelos sistemas políticos e econômicos que caracterizam as doenças.

Doença e ensino de História

O tema saúde é muito pouco trabalhado nas aulas de História da Educação Básica, embora seja um dos temas transversais proposto pelos PCNs e atualmente abordado na oitava competência da BNCC, a qual determina que o aluno deve “conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas” (BRASIL, 2018, p. 10). O tema é mais abordado nas áreas de Ciências da Natureza e Linguagens e na disciplina de Educação Física.

O Ensino de História objetiva desenvolver uma consciência histórica e crítica nos alunos, e não precisa se prender aos chamados conteúdos canônicos, que apresentam uma uniformização temporal, preestabelecida nos livros didáticos. O professor de História, além de selecionar e problematizar os conteúdos, pode e deve abordar novos conceitos e temas que possibilitem romper com as amarras da educação bancária e conteudista (FREIRE, 2014). Nesse sentido está a importância de ensinar e aprender sobre a história das doenças, tanto do

passado quanto do presente, proporcionando uma aprendizagem cognitiva, um pensamento histórico tal como defende Rüsen: “A consciência histórica não pode ser meramente equacionada como simples conhecimento do passado. A consciência histórica dá estrutura ao conhecimento histórico como um meio de entender o tempo presente e antecipar o futuro” (RÜSEN, 2006, p. 14). Assim são trazidas novas perspectivas para o ensino de História.

Já é consenso que a História é a “ciência do homem no tempo”, o que implica em proporcionar um ensino que aborde as várias temporalidades que permeiam o conhecimento histórico e que compreenda que os eventos estão interligados nos processos temporais de longa, média e curta duração (BRAUDEL, 1965). E também um ensino que assimile as várias concepções do tempo, como duração, simultaneidade, sucessão, mudanças e permanências.

No contexto da Covid-19, muitos historiadores buscaram relacionar o coronavírus (presente) com outras epidemias/pandemias vividas em outros tempos e espaços (passado). É esse cenário que a presente proposta quer levar para a sala de aula: a partir da Covid-19, aproximar as doenças pandêmicas do passado, traçando paralelos (semelhanças e diferenças), analisando fontes, e tudo contextualizado num viés de ensino que permita a sua aplicação e aprendizagem histórica na Educação Básica.

Sendo assim, essa dinâmica de permitir uma aprendizagem histórica será inserida no campo de pesquisa da Educação Histórica. De acordo com os estudos de Cainelli e Schmidt, a Educação Histórica se configura a partir da epistemologia da História, atribuindo à história “uma utilidade e um sentido social ao conhecimento histórico, como por exemplo, a formação da consciência histórica” (CAINELLI; SCHMIDT, 2012, p. 513). Isto de forma a facilitar os processos de ensino aprendizagem cognitiva, tendo o aluno como peça fundamental na aprendizagem.

Destaca-se que o conhecimento nesse campo de pesquisa não se baseia apenas na quantidade de conteúdo que o aluno adquiriu, mas também que ele desenvolva um pensamento histórico, que protagonize o seu conhecimento, que se perceba como agente da história, que compreenda os conceitos de causa, significância, empatia, evidência, narrativa, mudança, consciência histórica, transformando a história em uma disciplina mais interpretativa para os alunos, com uma metodologia baseada a partir de fontes.

Ao propor estudar pandemia na sala de aula, um tema tão sensível aos contemporâneos, que causa dor e comoção, além de abordar as evidências do evento, vem também a necessidade de abordar a empatia. Como o outro é visto? O que o outro sente? Como ações individuais interferem no outro? Essas ações favorecem uma história mais próxima e menos burocrática na sala de aula.

Peter Lee (2003, 2006) apresenta um conceito de empatia, onde os alunos desenvolvem empatia ao se relacionarem com o passado. O passado é compreendido sem julgamentos nas ações ou no intelecto, mas dentro das circunstâncias próprias de seu tempo, mesmo que essas atitudes sejam divergentes dos seus valores intuitivos. Vale destacar duas contribuições nesse sentido. A de Peter Lee, quando afirma que “a história pode mudar a forma como as pessoas veem o seu mundo” (2016, p. 13); assim como Karl Schurster, que em entrevista disse que o “reconhecimento e responsabilidade pelo outro, para mim, são a chave que pode fazer da educação algo realmente transformador” (CALDEIRA NETO; ATHAIDES, 2019, p. 231).

O conceito de consciência histórica de Jörn Rüsen (2001) é definido como “a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (2001, p. 57). Nesse sentido, a consciência histórica se desenvolve através da constituição de sentido que os sujeitos constroem pela experiência do tempo e da narrativa histórica.

Uma outra questão que se pretende abordar é a de temas controversos e/ou temas sensíveis. Nesse contexto de aprendizagem histórica, em que a pandemia da Covid-19 será o tema central, confirma-se o que Schmidt diz, que aprender História é um processo cognitivo que “envolve emoções e julgamentos morais” (SCHMIDT, 2015, p. 16-17). Principalmente porque o conteúdo está inserido no tempo presente, que pela sua essência já é carregado de embates e disputas políticas e ideológicas que influenciam diretamente a vida social e política das pessoas no presente.

Trabalhar com temas controversos não é simplesmente uma oportunidade que pode aparecer em alguns conteúdos que emergem durante a aula, eles estão presentes nas experiências coletivas e individuais, o que implica influir essa realidade para as aulas de História de forma racional no processo de ensino-aprendizagem. Produzir reflexões críticas dessas narrativas, que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento histórico, que, ao mesmo tempo em que seja um conhecimento crítico, seja também gerador de sentidos e sensibilidades, valorizando as subjetividades e identidades nos alunos.

As contribuições da Educação Histórica nessa proposta têm a finalidade de levar o aluno a uma aprendizagem histórica que traga significância para a vida; que ele aprenda não apenas os conteúdos substantivos (conteúdos) mais também os conteúdos epistemológicos (conceitos históricos). Sendo assim, os procedimentos metodológicos que influenciam essa proposta, com o objetivo de alcançar um pensamento histórico cognitivo nos alunos, baseiam-

se na Aula Histórica, metodologia de ensino desenvolvida por Maria Auxiliadora Schmidt (2020).

A Aula Histórica compreende uma importante ferramenta de aprendizagem. O aluno, orientado pelo professor, partindo de questões do presente, da sua vida prática, assim como das suas carências e interesses, faz todo o percurso da investigação histórica, analisando fontes e produzindo narrativas. “Isso não significa que o objetivo é transformar os alunos em historiadores, mas contribuir para a formação do pensamento histórico e da consciência histórica” (SCHMIDT, 2020, p. 133). Ainda de acordo com Schmidt, “o elemento central da matriz é a formação de sentido por meio da aprendizagem histórica, a partir da relação entre vida prática e a ciência da História” (2020, p.133).

Mobilizando os conceitos na prática docente: Sequência Didática

Como produto da pesquisa realizada no mestrado profissional em História – ProfHistória, apresentamos a seguir a sequência didática de nossa autoria, como solução mediadora de aprendizagem, para uso de professores e professoras da Educação Básica.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA - APRESENTAÇÃO

1. Objetivo geral

Abordar o percurso da Covid-19 como uma pandemia, e como esta mudou o mundo, estabelecendo a relação deste fenômeno com outras doenças epidêmicas, como a peste bubônica (séculos XIV-XVIII), o cólera-morbo (século XIX) e a Gripe Espanhola (1918-1920).

2. Objetivos específicos

- 2.1. Discutir os conceitos de epidemia, pandemia e temporalidade;
- 2.2. Compreender o conceito de empatia, relacionado à importância da prevenção para proteção de si mesmo e dos outros;
- 2.3. Analisar o percurso da Covid-19 e seus efeitos;
- 2.4. Identificar e comparar algumas doenças que mudaram o Brasil e/ou o mundo, como a peste bubônica (séculos XIV-XVIII), o cólera-morbo (século XIX) e a Gripe Espanhola (1918-1920);
- 2.5. Identificar tratamentos não farmacológicos no combate ao coronavírus, como isolamento social, quarentena e uso de máscaras;
- 2.6. Identificar as diversas fontes históricas como produção de memória, analisando o seu discurso narrativo e permitindo comparações com outras fontes;
- 2.7. Trabalhar as notícias como fontes históricas, analisando os noticiários e jornais a partir de suas parcialidades;
- 2.8. Fomentar discussões sobre a pandemia da Covid-19, levando em consideração os problemas estruturais da sociedade.

3. Público-alvo

Estudantes do Ensino Fundamental II

4. Habilidades da BNCC

História no Ensino Fundamental

EF07HI12	Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico-cultural (indígena,
----------	--

	africana, europeia e asiática).
EF07HI02	Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.
EF08HI14	Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas.
EF08HI15	Identificar e analisar o equilíbrio das forças e os sujeitos envolvidos nas disputas políticas durante o Primeiro e o Segundo Reinado.
EF09HI01	Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil.
EF09HI05	Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que se vive.
EF09HI26	Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.
EF09HI27	Relacionar aspectos das mudanças econômicas, culturais e sociais ocorridas no Brasil a partir da década de 1990 ao papel do País no cenário internacional na era da globalização.
EF09HI32	Analisar mudanças e permanências associadas ao processo de globalização, considerando os argumentos dos movimentos críticos às políticas globais.
EF09HI33	Analisar as transformações nas relações políticas locais e globais geradas pelo desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e comunicação.
Habilidades interdisciplinares	
EF07CI10	Argumentar sobre a importância da vacinação para a saúde pública, com base em informações como a vacina atua no organismo e o papel histórico da vacinação para a manutenção da saúde individual e coletiva e para a erradicação de doenças.
EF07CI11	Analisar historicamente o uso da tecnologia, incluindo a digital, nas diferentes dimensões da vida humana, considerando indicadores ambientais e de qualidade de vida.

5. Justificativa

No atual contexto impactado pela pandemia de Covid-19, o projeto justifica-se pela

necessidade de promover discussões sobre a doença não apenas como fenômeno biológico, mas também econômico, social, político, cultural e histórico. Lidar com uma pandemia com proporções continentais e mundiais não é algo novo na história; o presente trabalho tem como justificativa a necessidade de estabelecer relações entre a atual pandemia de coronavírus (Covid-19) com outros fenômenos pandêmicos, como a peste bubônica (séc. XIV- XVIII), o cólera-morbo (séc. XIX) e a Gripe Espanhola (1918-1920), analisando as permanências e mudanças ocorridas no comportamento humano diante da doença.

Assim também, promover discussões e debates nos jovens e crianças sobre temporalidade histórica a partir do presente ao passado, criando expectativas para o futuro. De forma que os sujeitos se apropriem de uma orientação temporal cognitiva e histórica.

Dessa forma, faz-se necessário levar as discussões sobre a História da Saúde também para a sala de aula da Educação Básica, principalmente sendo a História da Saúde um ramo da História Social, o que o torna útil pra refletir sobre a sociedade e as relações de poder, as continuidades e rupturas, e o momento vivenciado agora pela pandemia de Covid-19.

6. Conteúdos

O Coronavírus e suas consequências na atualidade.

Da Covid-19 à peste bubônica: semelhanças e diferenças.

Quarentena, isolamento social e novo normal nada normal.

Doenças e *fakes news*.

Conjuntura política e estrutural brasileira.

- MÓDULO 1 – O CORONAVÍRUS E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA ATUALIDADE

A) OBJETIVOS

- Explicitar os conceitos de epidemia, pandemia e temporalidade;
- Traçar o percurso da Covid-19 e analisar seus efeitos;
- Elaborar narrativa histórica sobre o Covid-19.

B) ATIVIDADES SUGERIDAS

1. Primeiro momento - Atividades de Sondagem

No quadro branco, o professor escreve “Covid-19” e pede aos alunos que venham até o quadro para escrever palavras ou frases relacionadas a este tema.

Após esse registro, o professor faz um círculo na sala com os alunos e apresenta questões para serem discutidas com toda a turma:

- Você teve medo da Covid-19?
- Qual foi o maior receio de sua família: o contágio com a doença ou o desemprego?
- Você ficou de quarentena ou isolamento social? Relate como foi.
- Você conhece alguém que se contaminou com a Covid-19?

Em seguida o professor deverá entregar aos alunos fichas com os seguintes conceitos: **surto**, **epidemia**, **endemia** e **pandemia**. Perguntar aos alunos se eles conhecem o significado de cada nomenclatura.

2. Segundo momento - Discutir sobre os temas **pandemia** e **epidemia**

Apresentar e discutir um slide que apresente os conceitos expostos - surto, epidemia, endemia e pandemia – buscando comparar com as respostas dos alunos.

3. Terceiro momento - Discutir sobre o tema “Covid-19”

3.1 Exibição dos vídeos:

- O que se sabe sobre o coronavírus 2019, o SARS-CoV-2?
- Retrospectiva 2020: resposta do IOC à pandemia [*Libras]

3.2 Distribuição, leitura e análise do texto “O Coronavírus, CID10”. Logo após, o professor faz o aprofundamento do tema, contextualizando com as repostas que os alunos deram no primeiro momento da aula.

3.3 Atividade 1: os alunos deverão pesquisar sobre a trajetória do SARS-CoV-2 até chegar à sua cidade. A entrega da pesquisa deverá ser na próxima aula, para poder construir uma linha do tempo coletiva sobre esta trajetória.

3.4. Atividade 2: Os alunos deverão elaborar um questionário a fim de realizar uma entrevista com uma pessoa da sua família que foi diagnosticada com Covid-19 durante a Pandemia. Outra sugestão é o professor convidar um sobrevivente para que a entrevista seja realizada durante o horário de aula.

C) MATERIAL DA AULA

Texto 1 [slide]	Surto, epidemia, endemia e pandemia – você sabe a diferença? Carolina Coli – Portal do Jaleko
<p>Esses conceitos epidemiológicos são fundamentais para entendermos a maneira como determinadas doenças atingem a população, mas ainda geram muitas dúvidas e, com a pandemia do novo coronavírus, isso ficou ainda mais evidente.</p> <p>Por isso, vamos agora esclarecer cada um desses conceitos, para que não haja mais dúvidas!</p> <p>O que é um surto?</p> <p>Um surto acontece quando há um aumento acima do esperado do número de casos de determinado evento ou doença em uma região específica. É o surgimento repentino dessa doença com uma frequência mais alta que o normal, em um determinado momento e local como, por exemplo, uma escola, uma comunidade, um povoado, uma instituição fechada.</p> <p>É importante ressaltar que, para doenças raras, basta um único caso para representar</p>	

a ocorrência de um surto. Um exemplo de surto é quando há vários casos de dengue no mesmo bairro.

O que é uma epidemia?

A epidemia acontece quando há ocorrência em uma região ou comunidade de um número de casos em excesso, em relação ao que seria esperado normalmente.

O número de casos necessários para definir a presença de uma epidemia, varia de acordo com o agente, o tamanho, o tipo e a suscetibilidade da população exposta, o momento e local da ocorrência da doença, dependendo também da frequência habitual da doença naquela região, durante uma mesma estação do ano.

Ao nível municipal, pode ocorrer quando diversos bairros apresentam certa doença, ao nível estadual, quando diversas cidades apresentam a doença, e ao nível nacional, quando a doença acomete diversas regiões do país.

Mas, um pequeno número de casos, que não tenha ocorrido previamente naquela região, já pode ser suficiente para caracterizar uma epidemia. Um exemplo de epidemia é o ebola em 2014, após atingir vários países da África.

O que é uma endemia?

A endemia pode ser conceituada como a ocorrência de um agravo dentro de um número esperado de casos para determinada região, naquele período, baseando-se na média histórica de sua ocorrência.

Logo, não está relacionada a uma questão quantitativa, mas sim a uma incidência relativamente constante de determinada doença naquela região, podendo ocorrer variações sazonais no comportamento esperado para esse agravo. Temos como um exemplo de endemia a dengue no Rio de Janeiro.

E a pandemia, o que é?

Já a pandemia acontece quando uma epidemia atinge vários países de diferentes continentes, se estendendo a níveis mundiais por isso, é o pior dos cenários. Afeta um grande número de pessoas, com transmissão sustentada de novos casos nesses locais.

Mas não há um número fixo de casos ou de países afetados para que a situação seja classificada como pandemia. Um exemplo de pandemia é a que estamos vivendo agora, pelo novo coronavírus, que foi declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no

dia 11 de março de 2020, quando o vírus já estava presente em 114 países, de diferentes continentes.

COLI, Carolina. Surto, epidemia, endemia e pandemia – você sabe a diferença? **Portal Jaleko Acadêmico** (blog), seção Virologia, [s.l.], [2019]. Disponível em: <https://blog.jaleko.com.br/surto-epidemia-endemia-pandemia-qual-a-diferenca/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

Texto 2

Coronavírus – CID10

Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo

Os coronavírus (CoV) são uma grande família viral, conhecidos desde meados dos anos 1960, que causam infecções respiratórias em seres humanos e em animais. Geralmente, infecções por coronavírus causam doenças respiratórias leves a moderada, semelhantes a um resfriado comum. A maioria das pessoas se infecta com os coronavírus comuns ao longo da vida, sendo as crianças pequenas mais propensas a se infectarem. Os coronavírus comuns que infectam humanos são alpha coronavírus 229E e NL63 e beta coronavírus OC43, HKU1.

Alguns coronavírus podem causar síndromes respiratórias graves, como a síndrome respiratória aguda grave que ficou conhecida pela sigla SARS da síndrome em inglês “Severe Acute Respiratory Syndrome”. SARS é causada pelo coronavírus associado à SARS (SARS-CoV), sendo os primeiros relatos na China em 2002. O SARS-CoV se disseminou rapidamente para mais de doze países na América do Norte, América do Sul, Europa e Ásia, infectando mais de 8.000 pessoas e causando entono de 800 mortes, antes da epidemia global de SARS ser controlada em 2003. Desde 2004, nenhum caso de SARS tem sido relatado mundialmente.

Em 2012, foi isolado outro novo coronavírus, distinto daquele que causou a SARS no começo da década passada. Esse novo coronavírus era desconhecido como agente de doença humana até sua identificação, inicialmente na Arábia Saudita e, posteriormente, em outros países do Oriente Médio, na Europa e na África. Todos os casos identificados fora da Península Arábica tinham histórico de viagem ou contato recente com viajantes procedentes de países do Oriente Médio – Arábia Saudita, Catar, Emirados Árabes e Jordânia.

Pela localização dos casos, a doença passou a ser designada como síndrome

respiratória do Oriente Médio, cuja sigla é MERS, do inglês “Middle East Respiratory Syndrome” e o novo vírus nomeado coronavírus associado à MERS (MERS-CoV).

Manifestações Clínicas

Os coronavírus humanos comuns causam infecções respiratórias brandas a moderadas de curta duração. Os sintomas podem envolver coriza, tosse, dor de garganta e febre. Esses vírus algumas vezes podem causar infecção das vias respiratórias inferiores, como pneumonia. Esse quadro é mais comum em pessoas com doenças cardiopulmonares, com sistema imunológico comprometido ou em idosos.

O MERS-CoV, assim como o SARS-CoV, causam infecções graves. Para maiores informações sobre as manifestações clínicas do MERS-CoV, acesse a página.

Período de incubação: De 2 a 14 dias.

Período de Transmissibilidade: De uma forma geral, a transmissão viral ocorre apenas enquanto persistirem os sintomas. É possível a transmissão viral após a resolução dos sintomas, mas a duração do período de transmissibilidade é desconhecido para o SARS-CoV e o MERS-CoV. Durante o período de incubação e casos assintomáticos não são contagiosos.

Transmissão inter-humana

Todos os coronavírus são transmitidos de pessoa a pessoa, incluindo os SARS-CoV, porém sem transmissão sustentada. Com relação ao MERS-CoV, a OMS considera que há atualmente evidência bem documentada de transmissão de pessoa a pessoa, porém sem evidências de que ocorra transmissão sustentada.

Modo de Transmissão

De uma forma geral, a principal forma de transmissão dos coronavírus se dá por contato próximo* de pessoa a pessoa.

* **Definição de contato próximo:** Qualquer pessoa que cuidou do paciente, incluindo profissionais de saúde ou membro da família; que tenha tido contato físico com o paciente; tenha permanecido no mesmo local que o paciente doente (ex.: morado junto ou visitado).

Fonte de infecção

A maioria dos coronavírus geralmente infectam apenas uma espécie animal ou, pelo menos um pequeno número de espécies proximamente relacionadas. Porém, alguns coronavírus, como o SARS-CoV podem infectar pessoas e animais. O reservatório animal para o SARS-CoV é incerto, mas parece estar relacionado com morcegos. Também existe a probabilidade de haver um reservatório animal para o MERS-CoV que foi isolado de camelos e de morcegos.

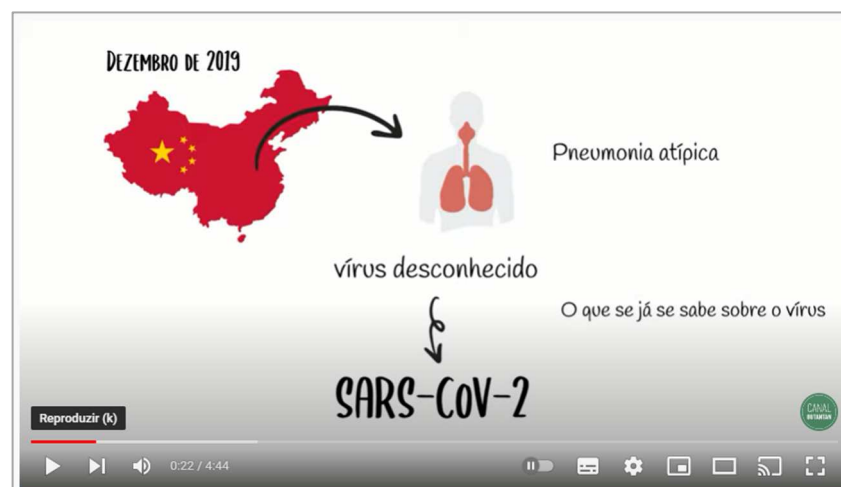
SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Saúde. **Coronavírus**. In: Portal Saude.sp.gov.br, Sobre Coronavírus, São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <http://www.saude.sp.gov.br/resources/cve-centro-de-vigilancia-epidemiologica/areas-de-vigilancia/doencas-de-transmissao-respiratoria/coronavirus.html>. Acesso em: 16 mar. 2022.

Vídeo 1

O que se sabe sobre o coronavírus 2019, o SARS-CoV-2?

Instituto Butantan

<https://www.youtube.com/watch?v=PpbJNX7ZPq8>



O QUE se sabe sobre o coronavírus 2019, o SARS-CoV-2? Instituto Butantan, São Paulo, 2020. 1 vídeo (5 min). Publicado por Canal Butantan (YouTube). Disponível em: <https://youtu.be/PpbJNX7ZPq8> . Acesso em: 16 mar. 2022.

Vídeo 2

Retrospectiva 2020: resposta do IOC à pandemia

Instituto Oswaldo Cruz

<https://portal.fiocruz.br/video/retrospectiva-2020-resposta-do-ioc-pandemia-libras>



D) MATERIAL DE APOIO

GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo (org.). **Cientistas sociais e o Coronavírus** [recurso eletrônico]. 1. ed. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

INSTITUTO Oswaldo Cruz. **Boletim corona - pandemias ao longo da história**. [Vídeo]. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro (COC/Fiocruz), dez. 2020. Publicado pelo Canal Saúde Oficial, 2020. 1 vídeo (20 min). Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/video/boletim-corona-pandemias-ao-longo-da-historia> . Acesso em: 10 fev. 2022.

MARQUES, Rita de Cassia; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; PIMENTA, Denise Nacif. A pandemia de Covid-19: interseções e desafios para a história da saúde e do tempo presente. In: REIS, Tiago Siqueira *et al* (org.). **Coleção História do Tempo Presente**: volume III. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

TV FOLHA. **Sem espaço para enterrar as vítimas da Covid-19, Manaus empilha caixões**. [Vídeo]. Folha de São Paulo, 29 de abril de 2020. Reportagem e fotografia Yan Boechat/AFP. 1 vídeo (2 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oIVVFXG1ODs4> . Acesso em: 16 mar. 2022.

- MÓDULO 2 – DA COVID-19 À PESTE BUBÔNICA: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

A) OBJETIVOS

- Identificar e comparar algumas doenças que mudaram o Brasil e/ou o mundo, como como a peste bubônica (séculos XIV-XVIII), o cólera-morbo (século XIX) e a Gripe Espanhola (1918-1920);
- Evidenciar as diversas fontes históricas como produção de memória, analisando o seu discurso narrativo e permitindo comparações com outras fontes;
- Estimular formas de pensamento sobre o passado e sobre como ele foi vivenciado.

B) ATIVIDADES SUGERIDAS

1. Primeiro momento - Atividades de Sondagem

No início da aula o professor pergunta oralmente aos alunos se eles conhecem ou já ouviram falar de outras doenças que atingiram o mundo de forma semelhante ao coronavírus. O professor deverá escrever as respostas dos alunos no quadro. Em seguida, circular as doenças que serão aprofundadas neste segundo módulo (e, se necessário, acrescentar alguma doença, caso o aluno não a tenha citado).

2. Segundo momento - Pesquisar em diversas fontes sobre as doenças: Covid-19, peste bubônica, cólera e gripe de 1918

O professor deverá dividir a turma em quatro grupos. Cada grupo ficará responsável por pesquisar uma doença (Covid-19, peste bubônica, cólera e gripe de 1918), para preencher uma ficha com os principais dados de cada uma.

Os resultados da pesquisa deverão ser compartilhados com todos na sala de aula. Em seguida, o assunto de cada pandemia deverá ser aprofundado pelo professor.

Obs.: O professor deverá estar preparado para auxiliar nas resoluções de situações-problemas que podem surgir durante a apresentação, de forma a facilitar o ensino-aprendizagem. Assim como propor situações em que as fontes sejam confrontadas.

C) MATERIAL DA AULA: Modelo da ficha de pesquisa

Quadro 1 – Modelo de ficha de pesquisa

FICHA DE PESQUISA	
Doença	
Data/Período	
História	
Contaminação	
Sintomas	
Tratamento	

Fonte: produzido pela autora.

D) MATERIAL DE APOIO

ALMEIDA, Maria Antónia Pires. **As epidemias nas notícias em Portugal: cólera, peste, tifo, gripe e varíola, 1854-1918.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.21, n.2, p. 687-708, abr./jun. 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/7gTkcXjdbGGPtG7cbVJLBYD/?lang=pt&format=pdf> .

Acesso em: 22 mar. 2022.

AS GRANDES epidemias ao longo da história. **Revista Super Interessante** [online], seção Saúde, Editora Abril, [s.l.], 24 mar. 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/as-grandes-epidemias-ao-longo-da-historia/>. Acesso em: 06 mar. 2022.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. **Cólera: um retrato permanente.** História, Ciências, Saúde — Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 11, p. 773-776, set./dez. 2004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/PG4PhY9YXSTMctbbVR8MhqD/?lang=pt> . Acesso em: 22

mar. 2022.

GOMES, Eduardo. **Da Peste Bubônica à Covid-19:** por que o Brasil parece marcar passo no combate a epidemias. Fundação Oswaldo Cruz (site), Amazônia, seção Notícias, 12 mar.

2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/da-pesto-bubonica-covid-19-por-que-o-brasil-parece-marcas-passo-no-combate-epidemias> . Acesso em: 14 mar. 2022.

KIND, Luciana; CORDEIRO, Rosineide. **Narrativas sobre a morte:** a Gripe Espanhola e a Covid-19 no Brasil. Psicologia & Sociedade, Recife, UFPE, n. 32, [s.p.], 2020. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/LdMLvxpDHBYGt8fC5SZRp/?lang=pt> . Acesso em:

22 mar. 2022.

MITTRANY, Ruth. **Coronavírus e a gripe de 1918-19**: paralelos históricos. História, Ciências, Saúde – Manguinhos (blog), Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, fev. 2020. Disponível em: <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/coronavirus-e-a-gripe-de-1918-19-paralelos-historicos/> . Acesso em: 14 mar. 2022.

SANTOS, Luiz Antônio de Castro. **Um Século de Cólera**: Itinerário do Medo. PHYSIS - Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, IMS-UERJ, v. 4, n. 1, p. 79-110, 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/C8D4T9Md38yvCpNrKTN8wmn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 mar. 2022.

SOUZA, Christiane Maria Cruz. **A gripe espanhola em Salvador, 1918**: cidades de becos e cortiços. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12, n.1, p. 71-99, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/fTb86X8wDhnpSkfbgXzsYks/?lang=pt> . Acesso em: 14 mar. 2022

- MÓDULO 3 – QUARENTENA E ISOLAMENTO SOCIAL

A) OBJETIVOS

- Identificar tratamentos não farmacológicos no combate ao coronavírus, como isolamento social, quarentena e uso de máscaras;
- Evidenciar o conceito de empatia, sobre a importância da prevenção para proteção de si mesmo e dos outros;
- Analisar as notícias como fontes históricas, pensando os noticiários e jornais a partir de suas parcialidades;
- Estimular a criticidade através do confronto de fontes históricas.

B) ATIVIDADES SUGERIDAS

1. Primeiro momento - Atividades de Sondagem

O professor deverá colocar os alunos em círculo, entregar a letra e tocar a música **“O Dia em que a Terra Parou”** (Raul Seixas).

Após ouvirem e cantarem a canção, o professor pergunta aos alunos que relação pode ter entre a letra da música e a quarentena e isolamento social enfrentados durante a Covid-19.

Em seguida, o professor deve ampliar a discussão citando temas como medo, ansiedade e busca de proteção divina em épocas epidêmicas.

Obs.: O professor deverá anotar ou gravar as falas dos alunos para possíveis intervenções durante o desenvolvimento da aula.

2. Segundo momento - Quarentena, medo, ansiedade e busca de proteção divina, presentes em tempos de pandemias

Distribuir entre os alunos manchetes e trechos de notícias de jornais e livros – sobre a Covid-19 – e trechos de jornais de época que abordem quarentena, medo, ansiedade e busca de proteção divina, manifestações comuns em tempos de pandemias.

A partir da leitura, análise e confronto dos trechos selecionados, buscar comparações entre as representações mentais presentes nas pandemias selecionadas.

3. Terceiro momento – Uso de máscaras

- Na aula anterior: solicitar que os alunos tragam fotografias deles e de seus familiares usando máscaras para prevenção à Covid-19. O material será utilizado para realização de um **painel com as fotos** da turma no final deste terceiro momento.
- Exibir slides com fotografias do uso de máscaras em diferentes pandemias.
- Realizar leitura e análise de trechos dos artigos: “*Covid-19: uma breve história das máscaras faciais, da Peste Negra à pandemia*” (Bethan Bell) e “*Durante a Gripe Espanhola, houve uma Liga Anti-Máscara. E tudo piorou*” (Paula Freitas Ferreira).
- Confeccionar cartazes com fotos dos alunos da turma usando máscaras.
- Realizar um **júri simulado**. Dividir a turma em três grupos: dois grupos de debatedores e um júri popular. O tema do júri simulado com a turma será o período de flexibilização do uso de máscaras. Cada grupo dos debatedores será responsável pela pesquisa e defesa de um ponto de vista: um grupo defenderá a flexibilização do uso das máscaras e outro será contra a flexibilização. Os grupos debatem sobre o tema proposto até chegar a um veredicto

C) MATERIAL DA AULA

Música	O dia em que a Terra parou Raul Seixas
<p>Essa noite, eu tive um sonho de sonhador Maluco que sou, eu sonhei Com o dia em que a Terra parou Com o dia em que a Terra parou</p> <p>Foi assim: No dia em que todas as pessoas do planeta inteiro Resolveram que ninguém ia sair de casa Como que se fosse combinado, em todo o planeta Naquele dia ninguém saiu de casa Ninguém</p> <p>O empregado não saiu pro seu trabalho Pois sabia que o patrão também não tava lá Dona de casa não saiu pra comprar pão Pois sabia que o padeiro também não tava lá</p>	

E o guarda não saiu para prender
 Pois sabia que o ladrão também não tava lá
 E o ladrão não saiu para roubar
 Pois sabia que não ia ter onde gastar

 No dia em que a Terra parou (êêê)

 E nas Igrejas nem um sino a badalar
 Pois sabiam que os fiéis também não tavam lá
 E os fiéis não saíram pra rezar
 Pois sabiam que o padre também não tava lá
 E o aluno não saiu para estudar
 Pois sabia o professor também não tava lá
 E o professor não saiu pra lecionar
 Pois sabia que não tinha mais nada pra ensinar

 No dia em que a Terra parou (ôôô)

 O comandante não saiu para o quartel
 Pois sabia que o soldado também não tava lá
 E o soldado não saiu pra ir pra guerra
 Pois sabia que o inimigo também não tava lá
 E o paciente não saiu pra se tratar
 Pois sabia que o doutor também não tava lá
 E o doutor não saiu pra medicar
 Pois sabia que não tinha mais doença pra curar

 No dia em que a Terra parou (oh, yeah)

 Essa noite, eu tive um sonho de sonhador
 Maluco que sou, acordei

 No dia em que a Terra parou (oh, yeah)
 No dia em que a Terra parou (ôôô)
 No dia em que a Terra parou (eu acordei)
 No dia em que a Terra parou (acordei)
 No dia em que a Terra parou (justamente)
 No dia em que a Terra parou (eu não sonhei acordado)
 No dia em que a Terra parou (êêê)
 No dia em que a Terra parou (no dia em que a terra parou).



O DIA em que a Terra parou. Intérprete: Raul Seixas. Compositores: Raul Seixas e Cláudio Roberto. In: O DIA em que a Terra parou (álbum musical). [S. l.]: Warner Music Brasil, 1977. (4 min.). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/raul-seixas/48325/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

Jornais Manchetes, charges e capas de jornais abordando epidemias

Jornal de 1918 chamava a atenção para a situação precária da saúde pública no contexto da Gripe Espanhola:

Imagem 1 – Gazeta de Notícias de 1918



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional.

O jornal Gazeta de Notícias destaca na primeira página o caos no Rio de Janeiro dominado pela Gripe Espanhola em 1918:

Imagem 2 – Gazeta de Notícias de 1918



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional.

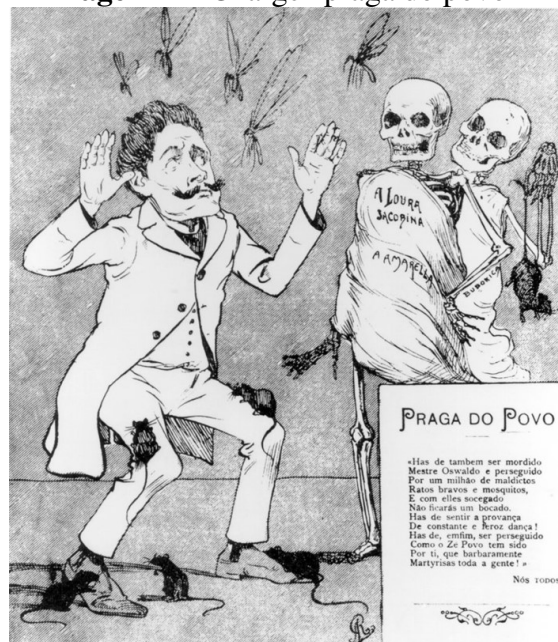
A charge abaixo foi publicada no Jornal do Brasil, em 11/08/1904:



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

“Praga do povo” – charge sobre as manifestações populares de resistência às medidas de higienização da cidade:

Imagem 4 – Charge “praga do povo”



Fonte: Fundação Oswaldo Cruz (acervo).

Trecho de O Estado de São Paulo do dia 18/10/1918:

Imagem 5 – Conselhos ao povo



Fonte: Acervo Estadão.

Trecho do Diário Popular de 25/10/1918:

Imagem 6 – A influenza hespanhola



Fonte: O Globo (edição online), 31 mar. 2020.

Capa do Jornal Extra, do Rio de Janeiro, edição de 29/03/2020:



Fonte: VerCapas.com.br (online), Extra, 29 mar. 2020.

Capa do Jornal Extra, do Rio de Janeiro, edição de 24/03/2021:



Fonte: VerCapas.com.br (online), Extra, 24 mar. 2021.

Capa do Jornal do Commercio, Recife (PE), do dia 22/10/20:

Imagem 9 – Jornal do Commercio
Jornal do Commercio QUINTA-FEIRA 22 de outubro de 2020
 Ano 102 • Número 256 • R\$ 2,50

Papa apoia união civil entre pessoas do mesmo sexo
 "Não há coisa de Deus", afirmou Francisco, em mais um passo para reduzir um preconceito na linha de frente de reparações históricas. (Página 2) R\$ 1,00

Casos de covid-19 em escolas geram alerta
 Duas unidades particulares de ensino do Recife suspenderam aulas após estudantes terem testado positivo para a doença. Oito dias após retomada das atividades nas escolas, casos acendem alerta com relação ao futuro do ensino presencial no Estado. (Página 4) R\$ 1,00

Vigilância
 Protocolos para o monitoramento de alunos infectados, entre as primeiras que ficaram em quarentena com contaminação durante os últimos dias.

Impasse
 Sindicato das escolas diz que casos não são suficientes para "desafiar" ensino presencial. Sindicatos de professores e pais com nova agenda com o ensino presencial.

Não muda
 Sem veto de Educação garante que ensino presencial não será afetado, afirma secretário de Educação. Sem veto sobre as atividades presenciais (as 10).

Vacina no centro de disputa política
 Jair Bolsonaro desautoriza ministro da Saúde sobre compra de imunizante produzido pelo governo de SP em parceria com a China. (Página 1) R\$ 1,00

Cena Política **Planeta Bola** **Kassio, agora, ministro do Supremo** **Concorrência**

Igor Maciel **Carlyle Paes Barreto**

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO LEITOR **COMERCIAL** **Nossas Outras Mídias**

Fonte: VerCapas.com.br (online), Jornal do Commercio, 22 out. 2020.

Capa do Jornal Meia Hora, Rio de Janeiro, do dia 10/04/20:

Imagem 10 – Meia Hora de Notícias

H MEIA RA DE NOTÍCIAS
 PAI DE JOIA DO VASCO VIVE DRAMA NA PANGEMBIA
 R\$ 1

Pandemia Mundial
MÁSCARAS DE GRAÇA PRO POVÃO QUE PEGA TREM, METRÔ E BRT

Prefeitura do Rio vai distribuir 1 milhão de protetores de pano em estações. Serão mobilizadas cerca de 600 costureiras, 500 delas de 25 comunidades do Rio.

COERENTE DO BEM
CURADA DO CORONAVÍRUS, PRETA GIL DOA ALCOOL EM GEL NA ROCINHA

ABSURDO
PACIENTE COM SUSPEITA DE COVID-19 AGRIDE MÉDICO

DESINFECÇÃO NO SANTA MARTA
ÁGUA ACABA DURANTE HIGIENIZAÇÃO EM FAVELA

COBERTURA ESPECIAL NAS PÁGINAS 2 A 11 E NO BARBADO

Fonte: VerCapas.com.br (online), Meia Hora, 10 abr. 2020.

Os médicos da praga antes da introdução da máscara em forma de pássaro:

Imagem 11 – Médicos da praga



Fonte: Getty Images (banco de imagens).

A parte semelhante a um bico da máscara da peste era recheada com ervas aromáticas para neutralizar “miasmas” prejudiciais:

Imagem 12 – Máscaras com bico



Fonte: Getty Images (banco de imagens).

Imagem 13 – Fotografia de Artefact, Alamy



Fonte: Getty Images (banco de imagens).

Pesadas túnicas de couro, grossas coberturas de vidro para os olhos, luvas e chapéus faziam parte das roupas de proteção usadas pelos médicos que tratavam de pacientes durante a Grande Peste de 1665:

Imagem 14 – Gravura de 1656



Fonte: Getty Images (banco de imagens).

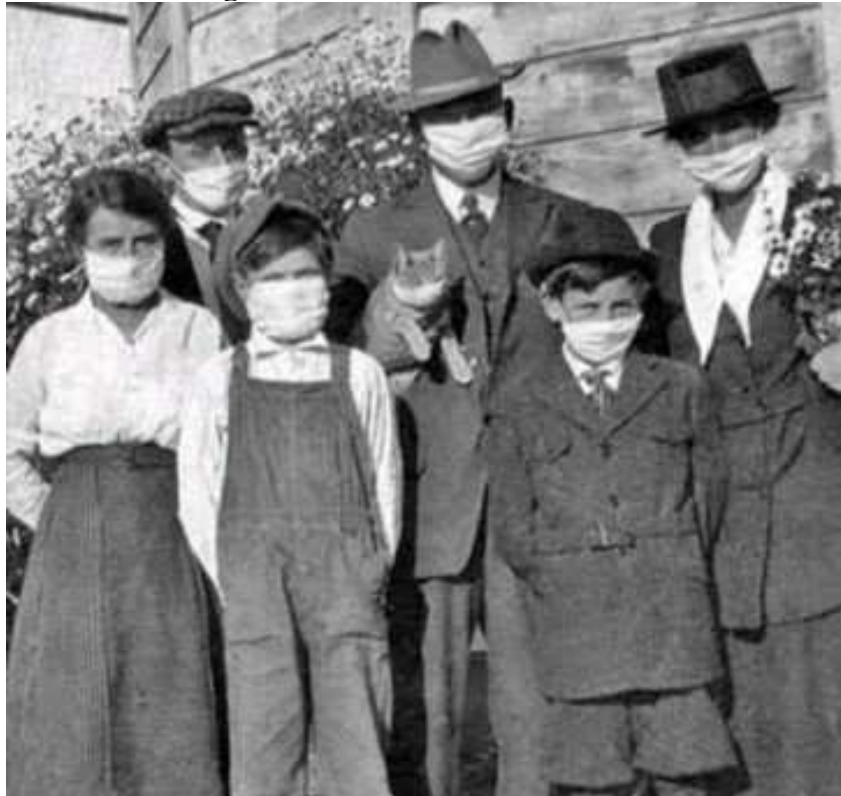
Alguns médicos sugeriram gaze pulverizada com desinfetante como proteção contra a mortal Gripe Espanhola:

Imagem 15 – Máscara de gaze com desinfetante



Fonte: Getty Images (banco de imagens).

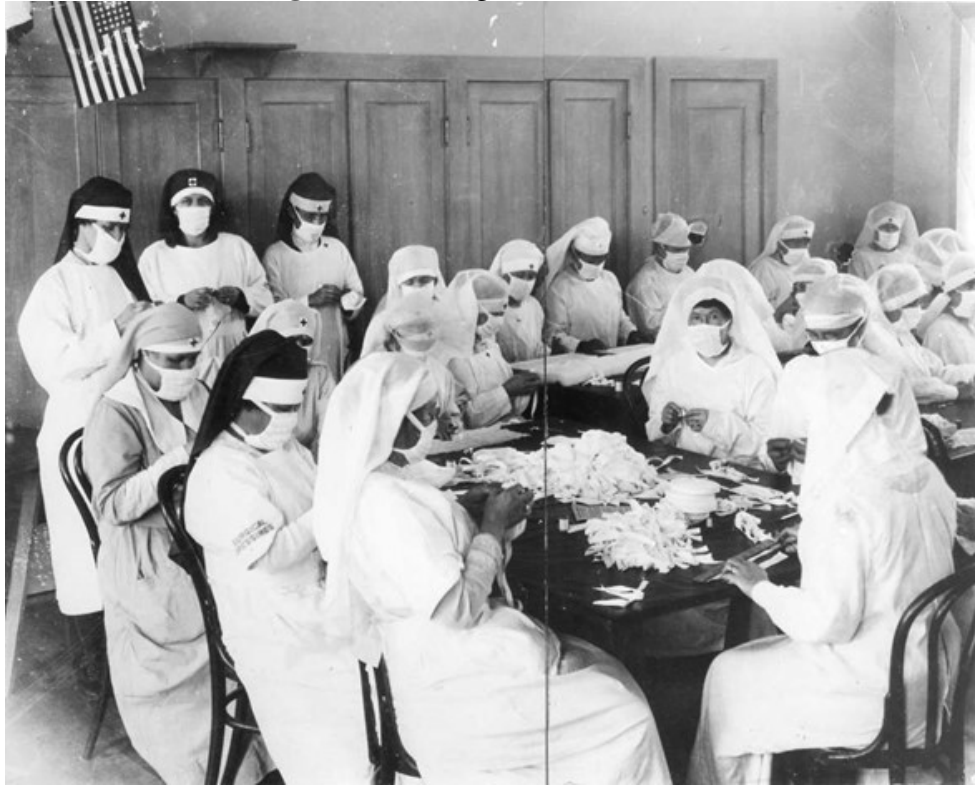
Imagem 16 – Família usando máscaras



Fonte: MF Press Global (divulgação).

Voluntárias em Oakland (Califórnia - Estados Unidos) fazem máscaras durante a pandemia da Gripe Espanhola (1918-1920):

Imagem 17 – Fotografia de voluntárias



Fonte: Oakland Public Library.

Sprays “anti-gripe” e máscaras caseiras foram usados nas ruas de Londres:

Imagem 18 – Fotografia de Londres



Fonte: Getty Images (banco de imagens).

Imagem 19 – Anúncio de jornal

**ANTI-MASK
MEETING**

TONIGHT (Saturday) JAN. 25

DREAMLAND RINK

To Protest Against the Unhealthy Mask Ordinance
 Extracts will be read from State Board of Health
 Bulletin showing compulsory mask wearing to be a failure.
Eugene E. Schmitz and other interesting speakers.
Admission Free.

Fonte: The Chronicle, 1919.

Tradução do texto do anúncio:

REUNIÃO ANTI-MÁSCARA

Hoje (sábado) JAN.25

PISTA TERRA DOS SONHOS

Para protestar contra a Portaria da Máscara Insalubre
 Serão lidos extratos do Boletim do Conselho Estadual de Saúde
 mostrando que o uso obrigatório de máscara é uma falha.

Eugene E. Schmitz e outros oradores interessados.

Entrada gratuita

O uso de máscara se tornou obrigatório durante a pandemia em lugares públicos:

Imagem 20 – Fotografia de pessoas usando máscaras na rua



Fonte: Luiza Castro, Jornal Sul21, 20 out. 2021.

“O uso de máscaras continua sendo fundamental para a contenção e controle do coronavírus, principalmente com a chegada das novas variantes” (Jornal da USP no Ar, 24 jan. 2022):

Imagem 21 – Uso de máscara



Fonte: Coyot/ Pixabay (banco de imagens).

Imagem 22 – Máscara de fabricação caseira



Fonte: Bandnews, 19 ago. 2021 (reprodução).

Imagem 23 – Máscara N95



Fonte: Tatiane Fortes, Ceara.gov.br, 20 jan. 2022.

“Profissionais de saúde usam EPIs (equipamentos de proteção individual) no Hospital Regional da Asa Norte, referência para pacientes com Covid-19, em Brasília” (Jornal Poder360, 18 abr. 2020):

Imagem 24 – Uso de protetor facial

Fonte: Poder360, 2020 (reprodução).

Texto 1**Covid-19: uma breve história das máscaras faciais, da Peste Negra à pandemia**

Bethan Bell – BBC News Brasil

Antes limitado a ladrões de banco, estrelas pop excêntricas e turistas japoneses preocupados com a saúde (e conscienciosos), o uso de máscaras em público agora é comum o suficiente para ser apelidado de "o novo normal".

Pode até ser normal — mas não é novo.

Da Peste Negra ao *smog* sufocante, da poluição do tráfego à ameaça de ataques de gás, coberturas faciais têm sido usadas nos últimos 500 anos.

Embora as primeiras máscaras fossem usadas como disfarce, vestir uma máscara protetora (em vez de uma usada como traje) remonta pelo menos ao século 6 a.C. Imagens de pessoas usando panos sobre a boca foram encontradas nas portas de tumbas persas.

De acordo com explorador Marco Polo, os servos na China do século 13 cobriam o rosto com lenços de tecido. A ideia era que o imperador não queria que o hálito deles afetasse o cheiro e o sabor de sua comida.

A praga

Foi a Peste Negra — uma praga que varreu a Europa no século 14, matando pelo menos 25 milhões de pessoas entre 1347 e 1351 — que pressagiou o advento da máscara médica.

Os teóricos acreditavam que a doença se propagava através do ar envenenado ou "miasma", criando um desequilíbrio nos fluidos corporais de uma pessoa.

Eles tentaram evitar que esse ar asqueroso os afetasse ora cobrindo o rosto ora agarrando-se a buquês de flores.

O garoto-propaganda da peste, aquele cruzamento sinistro de máscara de pássaro entre a Sombra da Morte e um corvo *steampunk*, não apareceu até os últimos estertores do surto final, em meados do século 17.

Perfumes e especiarias também estavam envolvidos — o "bico" surgiu como um local para encher ervas e aromáticos para neutralizar o chamado miasma.

Anti-poluição

A Revolução Industrial do século 18 ajudou a criar a infame poluição atmosférica de Londres, que aumentou à medida que mais e mais fábricas expeliam fumaça e as famílias mantinham seus fogos de carvão acesos.

Muitos invernos viram grossas mantas de fumaça amarelo-acinzentada cobrindo a capital.

O pior episódio foi em 1952, quando entre 5 e 9 de dezembro, pelo menos 4 mil pessoas morreram no período imediatamente posterior, e estima-se que mais 8 mil foram a óbito nas semanas e meses seguintes.

O *smog*, uma combinação de fumaça e névoa, ocorre quando o tempo frio prende o ar estagnado sob uma camada de ar quente. Ele pode agravar problemas respiratórios e cardiovasculares e causar irritação nos olhos.

A partir da década de 1930, as máscaras "anti-poluição" tornaram-se tão comuns no rosto quanto o Homburg (chapéu semi-formal de feltro de pele) ou cloche de feltro na cabeça.

Gripe Espanhola

Um surto de gripe no final da 1ª Guerra Mundial tornou-se uma pandemia global devastadora. Apelidada de Gripe Espanhola porque os primeiros casos foram registrados na

Espanha, cerca de 50 milhões de pessoas morreram.

Acredita-se que a disseminação do vírus tenha sido intensificada pelos soldados que retornavam das trincheiras. Espalhou-se das estações ferroviárias ao centro das cidades, depois aos subúrbios e ao campo. As empresas de transporte tentaram impedir a propagação da infecção fazendo seus funcionários usarem coberturas faciais.

A publicação britânica *Nursing Times* de 1918 incluiu conselhos para conter a doença, com uma descrição de como as freiras da St Marylebone Infirmary, em Londres, ergueram divisórias desinfetadas entre cada cama e "cada enfermeira, médico, babá ou assistente" que entrasse no local tinha que usar uma máscara para se proteger.

As pessoas comuns também foram instadas a "usar uma máscara e salvar sua vida" — muitas as fizeram com gaze ou adicionaram gotas de desinfetante a engenhocas embaixo do nariz. [...]

BELL, Bethan. **Covid-19: uma breve história das máscaras faciais, da Peste Negra à pandemia.** In: BBC News Brasil, [São Paulo], 14 março 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56346221>. Acesso em: 17 mar. 2022.

Texto 2

Durante a Gripe Espanhola, houve uma Liga Anti-Máscara. E tudo piorou

Paula Freitas Ferreira – Diário de Notícias

A pandemia de Covid-19 já foi comparada à da Gripe Espanhola, que afetou o mundo no final da Primeira Guerra Mundial e matou mais de 100 milhões de pessoas. Na altura, o uso da máscara foi também considerado obrigatório, mas houve quem se rebelasse contra a medida e até se organizasse para a contestar. Aconteceu em São Francisco.

Quando a doença surgiu, no outono de 1918, na reta final do conflito militar, a utilização da máscara foi considerada um ato patriótico. Como conta o *San Francisco Chronicle*, antes da máscara ser considerada obrigatória, a 24 de outubro, 4 em cada 5 habitantes já a usavam nas ruas.

O jornal recupera o que relatava nesse tempo e as palavras de John A. Britton, presidente da Cruz Vermelha da cidade, espelham a forma como a pandemia rapidamente mudou a opinião das pessoas à medida que infetava e matava mais população - chegou a ser difícil encontrar caixões para comprar e as famílias guardavam-nos debaixo da cama dos doentes que agonizavam.

"Há uma semana, ri-me da ideia da máscara", confessava Britton. "Eu queria ser independente. Não percebi que o custo dessa independência era a vida de outras pessoas", afirmava.

Depois, para travar estes ímpetos "independentistas", as autoridades começaram a levar a tribunal os que se recusavam a usar máscaras e eram centenas.

Há 100 anos, também se usava a máscara no queixo

Não tinha começado mal. Em 1918, como agora, as máscaras foram recebidas com uma espécie de salvação. A imprensa da época estimava que 80% da população de São Francisco estivesse a cumprir as ordens das primeiras semanas.

Tal como em 2020, nem todos sabiam como usar a máscara: traziam-na no queixo, para poderem fumar cachimbo, ou usavam máscaras que tapavam apenas o nariz, deixando a boca descoberta tornando-a uma porta de entrada direta para o vírus.

Houve conflitos, prisões e até tiros disparados contra quem se recusava a usar o acessório de proteção.

No final de outubro, São Francisco tinha 20 mil pessoas infetadas com a pneumónica, como também ficou conhecida a doença, e mais de mil mortos. Mas o número de novos casos estava a diminuir e as autoridades decidiram que era hora de começar a levantar as restrições.

A partir de 16 de novembro, menos de um mês depois do início das medidas de emergência, restaurantes, hotéis, cinemas, teatros e os locais onde se realizavam competições desportivas, começaram a reabrir.

O uso de máscaras ainda era obrigatório, mas muitas pessoas passaram a ignorar a ordem das autoridades.

Ao meio-dia de 21 de novembro, dez dias após o fim da Primeira Guerra Mundial, foi anunciando o fim da obrigatoriedade. Houve festa nas ruas, com milhares de máscaras a cobrirem o chão da cidade.

No entanto, o número de casos disparou logo de seguida e a recomendação de usar máscara voltou duas semanas depois. Desta vez, o seu uso seria voluntário.

Estima-se que apenas 10% voltaram a aderir à medida, por isso, com o número de mortes a aumentar, as autoridades decidiram voltar a implementar, a 17 de janeiro de 1919, o uso da máscara como obrigatório.

Cansaço e economia contra o fim da obrigação

A medida, desta vez, não foi bem aceite, sobretudo pelos comerciantes, que temiam começar a vender menos a cidadãos que também se mostravam cada vez mais fartos de usar a máscara.

Começava-se também a duvidar da sua eficácia. A Associação Americana de Saúde Pública publicou um artigo numa revista científica no qual afirmava que a eficácia das máscaras ainda era contraditória. Foi neste contexto que surgiu a Liga Anti-Máscaras.

Era formada por empresários, comerciantes e até alguns médicos e um membro do governo. O objetivo era acabar com a obrigatoriedade do uso da máscara que iria "contra a vontade da maioria da população".

Foi realizado um encontro onde estiveram presentes milhares de pessoas - sem máscara, e apesar de, no início, o autarca da cidade não ter cedido à pressão da Liga, uma semana depois deste encontro a lei que obrigava a usar máscara foi revogada.

Vários historiadores afirmam que a devastação provocada pela Gripe Espanhola em São Francisco espelha o perigo que o levantamento prematuro das restrições pode causar em plena pandemia.

A cidade registou um total de 45 mil infetados e mais de 3 mil mortos, uma das mais altas taxas por capita nos EUA. No país inteiro, a Gripe Espanhola matou 675 mil pessoas.

FERREIRA, Paula Freitas. **Durante a Gripe Espanhola, houve uma Liga Anti-Máscara. E tudo piorou.** In: Diário de Notícias, Mundo, [Portugal], 13 maio 2020. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/durante-a-gripe-espanhola-houve-uma-liga-anti-mascara-e-tudo-piorou-12187799.html>. Acesso em: 17 mar. 2022.

D) MATERIAL DE APOIO

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente (1300-1800)**. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. **Cuidar, controlar, curar em perspectiva histórica**: uma introdução. In: HOCHMAN, G.; ARMUS, D. (org.). Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. p. 11-27. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/7bzx4/pdf/hochman-9788575413111.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2022.

MISKOLCI, Richard. **O medo da Pandemia como questão sociológica**. Sociologia & Antropologia, Rio de Janeiro, v. 11, especial, p. 163-168, agosto de 2021.

PEREIRA, Nilton Mullet. **A ideia de “fim do mundo”**: paralelos entre os medos do mundo medieval e o medo do novo coronavírus. In: Café História [online], [s.l.], 04 maio 2020. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/fim-do-mundo-dos-medos-medievais-ao-novo-coronavirus/> . Acesso em: 04 jan. 2022.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira; ABIJAUDI, André Yuri Gomes. **Espiritualidade em tempos de pandemia**. In: PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo (org.). Religião em tempos de crise. São Bernardo do Campo, SP: Ambigrama, 2020.

TAMINATO, Monica *et al.* **Máscaras de tecido na contenção de gotículas respiratórias** — revisão sistemática. Acta Paulista de Enfermagem [online], Universidade Federal de São Paulo, v. 33, 2020. Disponível em: <http://ref.scielo.org/kwtqs8>. Acesso em: 24 jun. 2020.

- MÓDULO 4 – DOENÇAS E FAKE NEWS

A) OBJETIVOS

- Analisar as notícias veiculadas em redes sociais, identificando as notícias falsas;
- Explicitar as notícias como fontes históricas, pensando os noticiários e jornais a partir de suas parcialidades;
- Estimular a criticidade através do confronto de fontes históricas.

B) ATIVIDADES SUGERIDAS

1. Primeiro momento - Atividades de Sondagem

Perguntar aos alunos se eles sabem o que é *fake news*.

Questionar aos alunos como eles podem saber se uma notícia é fato ou *fake*?

Obs.: O professor deverá anotar ou gravar as falas dos alunos para possíveis intervenções durante o desenvolvimento da aula.

2. Segundo momento - Estudos das fake news

2.1 Apresentar em slides algumas *fake news* veiculadas durante a pandemia da Covid-19, principalmente as negacionistas e antivacinas, para sondar o posicionamento dos alunos diante dessas notícias falsas.

Obs.: Deixe que confrontem ideias e opiniões, esse momento é muito rico e fará com que posteriormente eles possam mudar de opinião, reafirmar aquela que já tinham, ou ainda acrescentar argumentos para justificar seu posicionamento.

2.2 Utilizar esse momento para contextualizar o conteúdo de que notícias falsas sempre existiram na história e principalmente em tempos epidêmicos.

2.3 Apresentar ferramentas que podem ser utilizadas para verificar se uma notícia é verdade ou falsa.


2.4 Leitura e análise do texto: “Fake news no cenário brasileiro em tempos de pandemia”, de Amanda Amaral de Menezes, Gustavo Marques Adão e Isabel Cristina.

3. Terceiro momento – *Fake news* sobre vacinas

3.1 Exibir o vídeo: “Por que as pessoas seguem FAKE NEWS sobre VACINAS?”, de Leandro Karnal. Dialogar sobre o vídeo, apontando o quanto uma *fake news* é prejudicial à preservação da vida.

3.2 Atividade: distribuir para os alunos algumas *fake news*. Eles deverão produzir um artigo jornalístico que indique o porquê de a notícia ser falsa.

C) MATERIAL DA AULA

Infográfico	Fake news veiculadas durante a pandemia da Covid-19
Imagem 25 – Lista de <i>fake news</i>	
	
<ol style="list-style-type: none"> 1 Chá de abacate com hortelã previne contra o coronavírus 2 Uísque e mel contra o coronavírus 3 Óleos para combater coronavírus 4 Chá imunológico combate o novo coronavírus 5 Vitamina C + zinco combatem o novo coronavírus 6 Vídeo sobre vitamina D e a prevenção do novo coronavírus 7 Álcool gel não tem eficácia, mas vinagre tem 	<ol style="list-style-type: none"> 8 Gargarejos são eficazes para combater o vírus nos primeiros dias, quando o coronavírus fica restrito à garganta 9 O vírus é resistente em superfícies metálicas, onde pode se manter vivo por até 12 horas 10 Beber água quente ou chás quentes mata o vírus 11 China cancelou todos os embarques de produtos por navio até março 12 Já existe cura contra o coronavírus. 13 Médicos tailandeses curam coronavírus em 48h 14 Semelhança do vírus HIV com o coronavírus 15 Há medicamentos específicos eficazes contra o novo coronavírus
Fonte: Jornal Extra OnLine, 29 fev. 2020.	

Texto 1

Top 5 Fake News mais absurdas sobre a vacina

Agência da Hora – Universidade Federal de Santa Maria

[...]

1 – A vacina contra a Covid-19 vai modificar o DNA dos seres humanos

FAKE NEWS

Segundo a BBC News, essa teoria iniciou com um vídeo de Carrie Madej, osteopata americana, em grupos antivacina. Essa fake news afirma que a vacina mudaria o DNA humano, criando uma “nova espécie e, talvez, destruindo a nossa”.

Especialistas esclareceram para agências de checagem e portais de notícias que as vacinas usam uma técnica inédita, o RNA mensageiro. Ele faz com que parte do material genético do coronavírus, seja absorvido por nossas células, para elas produzirem uma proteína característica que será detectada pelo sistema imunológico.

“A ideia é que o nosso corpo aprenda desta forma a nos proteger da Covid-19. Mas essa tecnologia não altera o DNA das nossas células e, portanto, não cria seres humanos geneticamente modificados”, explicaram especialistas para a BBC News.

2 – A vacina contra a Covid-19 tem chip líquido e inteligência artificial para controle populacional

FAKE NEWS

Circulam pelas redes sociais vídeos que afirmam que as vacinas foram desenvolvidas para controlar a população. Segundo o G1, os vídeos dizem que “o plasma dessa vacina, que é o líquido, vem com uma codificação que traz uma leitura para inteligência artificial, então eles têm o nosso controle através disso. É como se fosse um chip, mas de forma líquida, que é o plasma”.

O G1 consultou especialistas nas áreas de biomedicina, inteligência artificial e microeletrônica. Todos refutaram a teoria e os argumentos, explicando que não existem chips líquidos, muito menos capazes de controlar a pessoa.

A presidente da Sociedade Brasileira de Microeletrônica, Linnyer Beatrys Ruiz Aylon, explicou para o G1 que “apesar de todo desenvolvimento que temos conseguido com o silício e de produzirmos quintilhões de dispositivos no mundo, não existem chips líquidos ou solúveis em plasma ou sangue e tampouco chips que possam estar ‘escondidos’ em vacinas. Em nosso conhecimento, isso não é possível. Fake news.”

3 – Imunizantes contra Covid-19 estão relacionados à transmissão de HIV

**FAKE
NEWS**

Circula por meio de aplicativos de mensagem instantânea um texto defendendo que a imunização contra a Covid-19 está relacionada à transmissão do vírus causador da AIDS. Segundo a mensagem, o vírus HIV teria sido encontrado em um percentual 17 vezes maior entre os vacinados.

O boato foi compartilhado, inclusive, pelo presidente Jair Messias Bolsonaro em uma transmissão ao vivo no Facebook. Na ocasião, o presidente leu uma suposta notícia em que “relatórios oficiais do governo do Reino Unido sugeriam que os totalmente vacinados estão desenvolvendo síndrome da imunodeficiência adquirida muito mais rápido do que o previsto”.

A rede social tirou do ar a *live* feita pelo presidente por compartilhamento de notícia falsa. O boato foi iniciado pelo site canadense de teorias da conspiração *Civilian Intelligence Network*, que apresenta uma interpretação errônea de um artigo publicado pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC).

O trabalho não estabelece, em nenhum momento, uma relação causal entre o HIV e a vacinação contra a Covid-19. Em um determinado trecho do artigo, os cientistas informaram que, cruzando dados do sistema estadual de vigilância de HIV, verificou-se que 30 (ou 6%) dos 469 casos detectados de Covid-19 foram entre pessoas vivendo com o HIV.

4 – Vacinas contra Covid-19 criam campo magnético no corpo de quem é imunizado

**FAKE
NEWS**

Usuários de redes sociais compartilharam, em todo o mundo, vídeos em que pessoas que receberam o imunizante contra a Covid-19 fixam moedas e outros objetos metálicos no braço. Segundo afirmam os usuários, o fato de conseguirem firmar objetos sobre o local onde a vacina é aplicada comprovaria, então, a existência de microchips capazes de criar um campo magnético contidos no imunizante.

Em entrevista para o UOL, Fernando Kokubun, professor de física da UFRG (Universidade Federal do Rio Grande), expõe que as vacinas não possuem qualquer nanopartícula ou ingrediente com propriedades magnéticas. “Se fosse assim, até as ampolas ficariam grudadas umas nas outras.”

O professor também explica que o suposto magnetismo pode ser reproduzido se a

pessoa estiver com a pele úmida ou se ainda tiver resquícios de cola deixados por curativos no local onde a vacina foi aplicada.

5 – CoronaVac não tem comprovação científica

**FAKE
NEWS**

Essa é uma informação falsa. Segundo o Instituto Butantan, a CoronaVac, vacina do Instituto Butantan feita em parceria com a biofarmacêutica Sinovac, se mostrou eficiente nos ensaios clínicos e em diversos outros estudos, tanto no Brasil quanto no exterior.

O resultado da fase 3 dos ensaios clínicos feitos pelo Butantan mostrou que, ao ser aplicada com intervalo de 21 a 28 dias entre doses, a vacina atinge eficácia de 64%.

Além disso, segundo informações do Sistema de Informação da Vigilância Epidemiológica da Gripe, do Ministério da Saúde, “a CoronaVac foi uma das responsáveis pela queda de 88% na média de óbitos semanais de idosos entre os meses de março e agosto [de 2021] – esse é um público que foi majoritariamente imunizado com a vacina do Butantan”. [...]

LORENZETTI, Caroline Schneider; VERDUM, Kelvin. **Top 5 Fake News mais absurdas sobre a vacina.** In: Agência da Hora – Agência Experimental de Notícias [online], UFSM, Santa Maria (Rio Grande do Sul), 11 nov. 2021. Disponível em: <https://ufsm.br/r-825-511>. Acesso em: 21 abr. 2022.

Texto 2

Ferramentas para identificar notícias falsas

Biquad Broadcast [adaptado]

Alguns sites têm se destacado por trazer a verdade acima da boataria, fazendo uma triagem do que é verdade e do que é mentira nas notícias. Pensando nisso, trazemos até você as [...] melhores ferramentas de identificação de *fake news*. Desse modo, você nunca mais ficará em dúvida – e nem se deixará levar por algum link suspeito que chega até você pela internet.

1. Fato ou Fake, do G1

O portal de notícias da Globo, o G1, foi além na investigação das notícias mentirosas. Recentemente, lançou o Fato ou Fake, seu próprio serviço de checagem de conteúdos suspeitos.

Assim, a seção dentro do G1 busca identificar mensagens que causam desconfiança

e esclarecer o que é real e o que é falso. Reunindo esforços de várias redações, um conjunto de jornalistas do G1, O Globo, Extra, Época, Valor, CBN, GloboNews e TV Globo fica responsável pela apuração dessas informações. Isso garante idoneidade e transparência no que chega até o leitor. Até discursos de políticos serão conferidos e passarão pelo crivo do portal. O objetivo é alertar o cidadão sobre conteúdos duvidosos que se proliferam na internet ou pelo celular.

O monitoramento feito pelos profissionais do portal é diário e constante. Você pode encontrar o Fato ou Fake via site, Facebook, Instagram, Twitter e até no WhatsApp, pelo número +55(21)97305-9827.

Desse modo, cada vez que um novo caso for analisado, um link com o resultado da checagem ficará disponível em um dos canais citados. No caso do WhatsApp, será uma atualização do status (não haverá mensagens diretas). Além disso, para Facebook e Twitter, além das postagens, um bot responderá se o conteúdo que você desconfia é fato ou fake, caso o mesmo já tenha sido checado.

2. Fake ou News, da Agência Lupa

Em parceria com o canal Futura e com apoio do Google nasceu o projeto Fake ou News, da Agência Lupa. A ideia do portal é auxiliar o usuário da internet a não se confundir e acabar caindo nas mentiras das fake news.

O site tem formato de infográfico, buscando assim ensinar uma noção melhor do que é mentira e do que é verdade dentro do mar de notícias publicadas na rede. No portal, você pode ainda encontrar dicas sobre como identificar notícias falsas ao buscar por frases e datas, além de poder verificar links para saber sua procedência. Ou seja, assim fica muito mais fácil descobrir se o artigo jornalístico que chegou até você é algo idôneo ou apenas inventado no intuito de tomar vantagem do leitor de alguma forma.

3. Checagem do Google

Por sua parte, o Google também tem mexido em suas engrenagens para lutar contra as fake news. Para tanto, a gigante da tecnologia vem desenvolvendo uma nova ferramenta que facilita a checagem de fatos.

Com tal inovação, o internauta poderá confirmar os dados de uma notícia através de uma simples busca no Google. Aparecerá diretamente na tela de search um novo sistema de cards informativo, com todos os dados sobre a manchete buscada. Desse modo, o próprio Google é quem vai certificar para você se a notícia é verdadeira, mentirosa ou apenas

parcialmente incorreta.

É assim, dando destaque às informações confiáveis, e de maneira didática e simples, que o Google quer fazer com que as fake news percam seu apelo. Afinal, as pessoas poderão ver com muita facilidade qual é a realidade por trás dos boatos.

Nos EUA, o Google se baseará em consultoria de agências de checagem de fatos como o PolitiFact e o Snopes. Ainda não foi divulgado quais agências desse porte serão consultadas para buscas em outros países. A opção ainda não está disponível no Brasil, mas deve chegar em breve.

4. Boatos.org

Criado em junho de 2013, o Boatos.org é um portal brasileiro atualizado diariamente. Contando com uma equipe de jornalistas ávidos por descobrir a verdade, o site compila mentiras que são publicadas online. Resultado disso, o portal presta um serviço ao usuário da internet, trazendo à luz boatarias que crescem e se proliferam diariamente na rede.

CONHEÇA 6 ferramentas para identificar uma fake news. Biquad Broadcast (blog), Santa Rita do Sapucaí (MG), [s.d.]. Disponível em: <https://biquadbroadcast.com/br/conheca-6-ferramentas-para-identificar-uma-fake-news/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

Texto 3

Fake news no cenário brasileiro em tempos de pandemia

Amanda A. de Menezes, Gustavo M. Adão e Isabel C. Chagas

Fake news é um termo em inglês usado para se referir a informações falsas, publicadas por veículos de comunicação, geralmente redes sociais, como se fossem reais. Para Allcott e Gentzkow (citados por Carvalho et al., 2020), “as fake news são as notícias intencionais e comprovadamente falsas, que podem induzir as pessoas ao erro”. Grande parte dessas informações é viral, ou seja, se espalha de maneira rápida.

Hoje em dia, a internet é uma ferramenta de extrema importância para acessar informações referentes a vários assuntos. Em tempos de pandemia, a internet auxilia a população em relação às notícias sobre saúde, doença e cuidados. Entretanto, com a evolução da tecnologia, as fake news também podem ser disseminadas com mais facilidade, sendo divulgadas em diversos canais e transmitidas aos usuários como sendo verdadeiras, porém não condizem com a realidade (Neto et al., 2020). A partir do momento em que as fake news passaram a ser difundidas no cenário da COVID-19, tornaram-se um problema

de saúde pública.

De acordo com Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, Unesco (2020), a diferença entre a pandemia da COVID-19 para outras que já existiram no mundo é que, em outros tempos, a tecnologia não era tão forte como atualmente. Segundo a Organização das Nações Unidas, ONU, (2020), a tecnologia é uma ferramenta digital valiosa, trazendo informações em tempo real para o mundo inteiro, mas também vinculam informações de cunho enganoso ou falso, ameaçando a saúde física e mental da população.

Desde o começo da pandemia, diversas informações novas, sobre temas complexos e que ainda estão sendo compreendidos por cientistas e gestores públicos, vem sendo divulgadas. Muitas delas, entretanto, caracterizam-se como fake news, o que aumenta as incertezas frente ao desafio que já é imenso. Evidências científicas são contestadas inclusive por alguns governantes, o que acaba por confundir e influenciar parte da população a adotar práticas inadequadas, gerando desinformação e aumento de risco para as pessoas.

A Organização Pan-Americana da Saúde, OPAS, (2020) alerta para os riscos das desinformações sobre a COVID-19 sobre formas de prevenção, transmissão e origem da doença, que se difundem de forma muito rápida e entendidas como verdadeiras na mesma velocidade, modificando o comportamento da população e conseqüentemente fazendo com que as pessoas assumam riscos desnecessários.

Assim, alguns órgãos públicos como a Organização Mundial da Saúde, OMS, Ministérios da Saúde e outros órgãos de governo, a exemplo de Taiwan, desenvolveram estratégias que têm como intuito identificar e corrigir essas informações duvidosas veiculadas principalmente por redes sociais, reforçando o enfrentamento à desinfodemia da COVID-19 (Neto et al., 2020).

O Ministério da Saúde brasileiro criou em 2020 uma página para o combate a fake news sobre a COVID-19. Nessa página, consta um número de WhatsApp por meio do qual a população pode tirar dúvidas referentes a informações duvidosas, com auxílio de uma equipe técnica do Ministério, que faz a checagem das informações. Ainda, as informações no site são categorizadas como “Isto é fake news” ou “Esta notícia é verdadeira”.

Existem, ainda, agências especializadas em checar a veracidade de notícias suspeitas e de boatos, entre elas: o portal de fake news do site do Ministério da Saúde; Projeto Comprova – Jornalista colaborativo contra a desinformação, onde estão os principais jornalistas do país; Lupa, a primeira agência de fact-checking (checagem de

fatos) do Brasil, da Folha de São Paulo; Aos Fatos e UOL Confere.

O quadro 1 exemplifica tipos de fake news sobre a pandemia encontradas por algumas dessas agências especializadas:

Quadro 1 – Exemplos de *fake news* relacionadas à pandemia de COVID-19

Site	Categoria	Título	Contra-argumentação
Ministério da Saúde	Qualidade dos EPI	“Máscaras de doação da China são contaminadas com Coronavírus”	O Ministério da Saúde assegura que não existe evidência que confirme que as máscaras enviadas pela China contenham o Coronavírus. Além disso, o vírus não sobrevive por muito tempo fora do organismo humano e o transporte leva vários dias.
Projeto Lupa	Fraude	“Novo golpe oferece kits gratuitos de produtos de limpeza e higiene na pandemia”	A empresa utilizada no golpe em nota afirmou que a publicação a respeito de kits gratuitos é falsa.
Projeto Comprova	Descrença no isolamento social	“Ao contrário do que afirma o blog, a OMS recomenda isolamento como uma das medidas de combate ao novo Coronavírus”.	A Organização Mundial da Saúde recomenda que para evitar a disseminação do Coronavírus, além de outras medidas, é necessário o distanciamento social. Essas medidas podem variar de acordo com a situação de cada país ou região.

Fonte: Adaptação dos autores, com base em Neto et al., 2020.

Segundo o Instituto Reuters e a Universidade de Oxford (2020), as principais fontes de desinformação sobre a pandemia da COVID-19 são: influenciadores digitais, políticos, celebridades, figuras públicas e as redes sociais. Tal grupo é responsável por cerca de 70% das notícias que são veiculadas e, desse total, 20% eram notícias falsas (Institute Business Education, 2020).

A disseminação de fake news, de acordo com a diretora geral da Organização Europeia de Consumidores, BEUC, Monique Goygens, em entrevista para o Portal R7 (2018), ocorre sobretudo por meio de plataformas de empresas como Facebook e Google, que se beneficiam maciçamente de usuários lendo e compartilhando notícias falsas e devem assumir responsabilidade para combater o fenômeno. Para ela, não deve ser responsabilidade da população desbançar notícias falsas. [...]

Um estudo realizado pela organização Avaaz divulgado em maio de 2020 revelou que 9 em cada 10 brasileiros foram alvo de notícias falsas sobre a pandemia. Para Flora Arduini, coordenadora da Avaaz, há muito dinheiro nas campanhas de desinformação, tendo pessoas poderosas por trás. A pesquisadora ainda afirma que as pessoas não

Vídeo 1

Por que as pessoas seguem FAKE NEWS sobre VACINAS?

Leandro Karnal

<https://www.youtube.com/watch?v=KufNQpoGV40>

consomem só uma fake news, o algoritmo influencia na entregabilidade e recomenda para cada vez mais pessoas, e por isso, elas acreditam que aquela fake news é uma verdade (Lopes, 2020).

Para Batista (2020), a identificação e punição dos autores das fake news ainda é uma tarefa difícil para as autoridades. No Brasil, ainda não há legislação específica para esse tipo de crime, mas existe o Projeto de Lei nº 2.630, de 2020, em tramitação, que visa estabelecer normas relativas à transparência de redes sociais e o combate às fake news. Essas medidas de combate às fake news ganham espaço e se relacionam aos trabalhos da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das fake news, que atua para investigar e responsabilizar empresas, políticos e organizações que financiam e disseminam essas notícias (Neto et al., 2020).

Em meio às dificuldades de coibir as informações falsas e os responsáveis por difundir-las, a pandemia de COVID-19 se agravou no Brasil e as fake news seguem presentes em nosso cotidiano. A pandemia vem mostrando que, independente de classe ou cor, todos estão sujeitos a se contaminar com o novo coronavírus. Assim como o vírus se espalha de forma rápida, as fake news também alcançam grande proporção, trazendo prejuízo à população em relação às informações divulgadas. Durante a pandemia, o crescimento das notícias falsas ocorreu exponencialmente. Neste contexto, fica evidente que a saúde pública é prejudicada com a desinformação, pelo simples fato que essas prejudicam as medidas de prevenção e tratamento em saúde e desorientam a população.

MENEZES, Amanda Amaral de; ADÃO, Gustavo Marques; CHAGAS, Isabel Cristina. **Fake news no cenário brasileiro em tempos de pandemia**. POLITEIA – Grupo de Pesquisa (site), Universidade Estadual de Santa Catarina, [Florianópolis], 28 mar. 2021. Disponível em: <https://politeiacoproducao.com.br/http-politeiacoproducao-com-br-historico/>. Acesso em: 05 mar. 2022.



KARNAL, Leandro. Por que as pessoas seguem FAKE NEWS sobre VACINAS? In: Prazer, Karnal – Canal oficial de Leandro Karnal (YouTube), [s.l.], [2020]. 1 vídeo (20 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KufNQpoGV40> . Acesso em: 16 mar. 2022.

D) MATERIAL DE APOIO

AVAAZ. **O Brasil está sofrendo uma infodemia de Covid-19.** Avaaz.org (comunidade internacional), Relatório (recurso online), [Brasil], 04 maio 2020. Disponível em: https://secure.avaaz.org/campaign/po/brasil_infodemia_coronavirus/ . Acesso em: 28 mar 2021.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Desinformação: Uma Arma Secreta em Tempos de Pandemia.** In: Nações Unidas Brasil (site), Unesco, Notícias, Brasília, abril 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/85607-desinformacao-uma-arma-secreta-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 27 mar. 2021.

OPAS - Organização Pan-americana da Saúde. **Entenda a Infodemia e a Desinformação na Luta contra a COVID-19.** In: Institutional Repository for Information Sharing (site), [s.l.], 30 abr. 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054> . Acesso em: 27 mar. 2021.

PERINI, Ernesto. **O que move as fake news e o negacionismo científico?** In: NESP – Núcleo de Estudos Sociopolíticos (site), PUC Minas, [Belo Horizonte], 28 nov. 2019. Entrevistado por Marco Weissheimer, para o Jornal Sul21. Disponível em

<https://nesp.pucminas.br/index.php/2019/11/28/o-que-move-as-fake-news-e-o-negacionismo-cientifico/>. Acesso em: 21 abr. 2022.

POSETTI, Julie; BONTCHEVA, Kalina. **Desinfodemia: Decifrar a desinformação sobre a COVID-19**. [Estudo da UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.] Paris: ONU, 2020. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374416>. Acesso em: 27 mar. 2021.

SANTOS, Otávio Maia dos *et al.* **Fake News na Pandemia da COVID-19: Um Desserviço à Sociedade Brasileira**. *Revistas Cenas Educacionais*, Caetité (Bahia), v. 3, n. e9300, p. 1-16, 2020. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/9300/7128>. Acesso em: 15 mar. 2021.

- MÓDULO 5 -

A DOENÇA NA CONJUNTURA POLÍTICA E ESTRUTURAL BRASILEIRA

A) OBJETIVO

Fomentar discussões sobre a pandemia da Covid-19, levando em consideração os problemas estruturais da sociedade.

B) ATIVIDADES SUGERIDAS

1. Primeiro momento - Atividades de Sondagem

O professor deve perguntar aos alunos se eles acham que uma doença é ou não democrática.

Perguntar, em seguida, se eles acham que a condição social interfere no número de casos/óbitos de uma doença.

2. Segundo momento – As desigualdades sociais durante a pandemia de Covid-19

2.1 Exibição de slides com imagens do artista brasileiro Ademar Vieira sobre as desigualdades sociais durante a pandemia da Covid-19.

2.2 Exibição de um trecho do documentário “Pandemia do Sistema” (os 9 minutos iniciais).

2.3 Socialização com alunos sobre os pontos fortes marcados no vídeo, e diálogo sobre a estrutural desigualdade social, e como esta é percebida durante eventos pandêmicos.

3. Terceiro momento - As desigualdades sociais em eventos pandêmicos

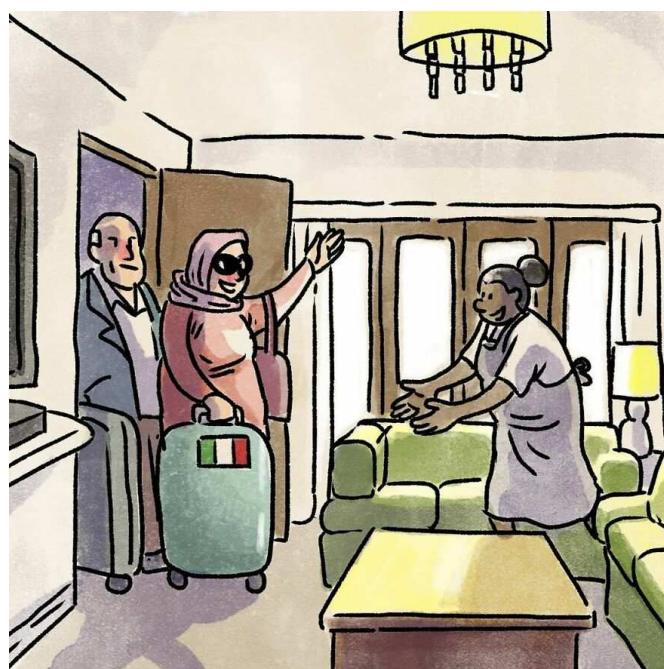
3.1 Leitura e análise no texto “Os vírus afetam principalmente os pobres”, da CCE Fiocruz, que aborda como os mais pobres são mais vulneráveis em eventos pandêmicos.

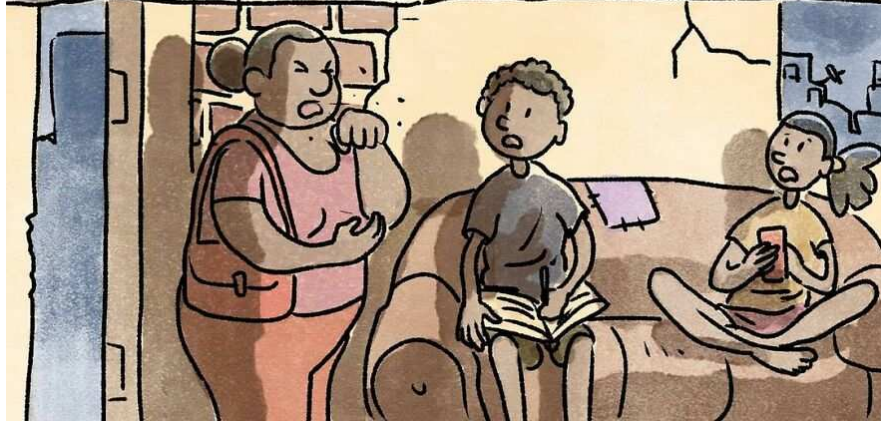
3.2 Pesquisa: os alunos deverão pesquisar sobre as desigualdades sociais no número de infectados e mortos durante a pandemia da Covid-19. Os resultados da pesquisa deverão ser utilizados para a elaboração de um gráfico.

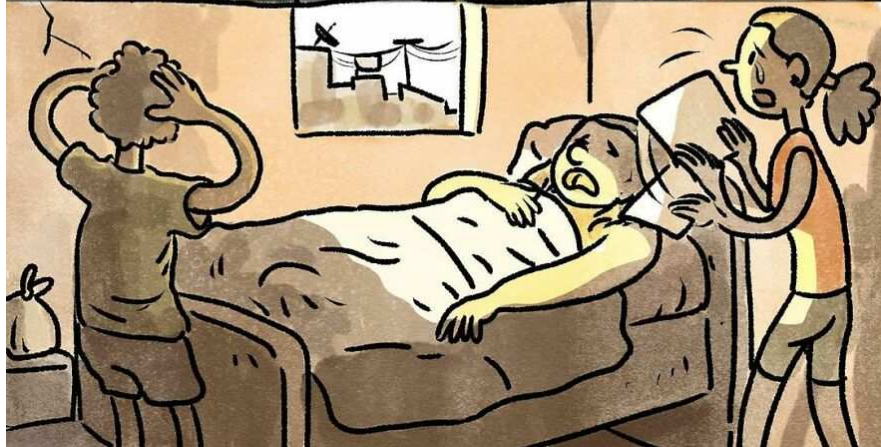
C) MATERIAL DA AULA**Imagens 1 Pandemias – Ademar Vieira**

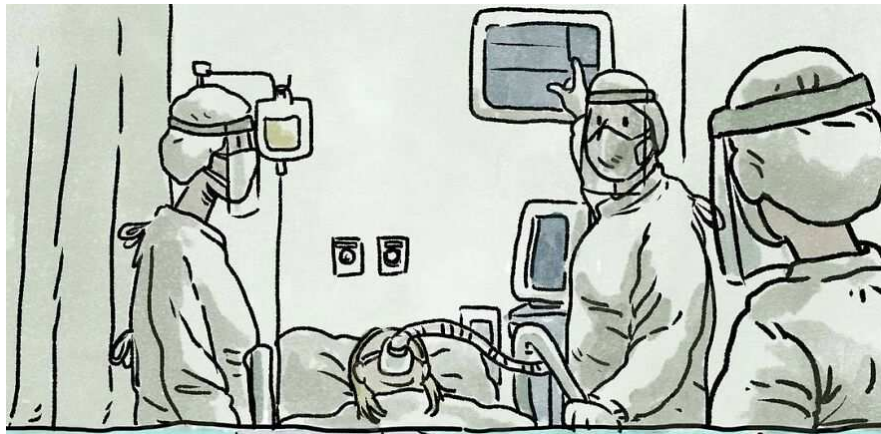
[slide] Instagram: @ademar__vieira

Imagens do artista brasileiro Ademar Vieira, tirinha “Pandemias”, publicada no Instagram, sobre as desigualdades sociais durante a pandemia da Covid-19.

Imagem 26 – Tirinha “Pandemias”, de Ademar Vieira









Fonte: Ademar Vieira, Instagram do artista.

VIEIRA, Ademar. **Pandemias**. Desenhos artísticos. Série publicada na página @ademar_vieira (Instagram), 15 jun. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBdZwLoDoJz/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

Imagem 2

Desigualdade na Educação durante a pandemia

Miguel G. Arroyo

Imagem 27 - Desigualdade na Educação durante a pandemia

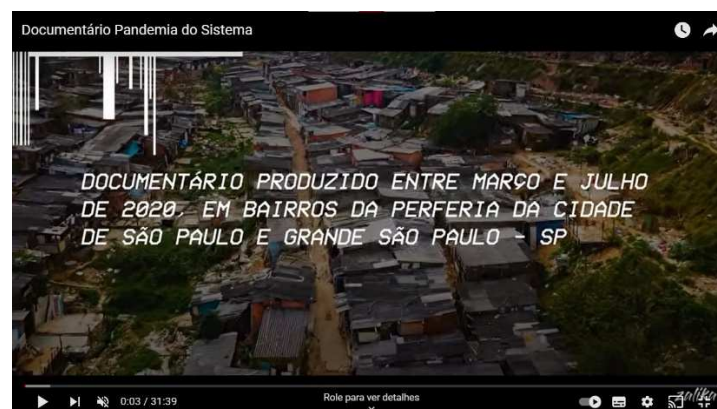
Fonte: Miguel G. Arroyo (reprodução)

BRASIL. Ministério da Educação. **Catálogo de Materiais do Curso de Especialização Educação, Pobreza e Desigualdade Social**. Módulo: Pobreza e Cidadania. MEC: Brasília, [201?]. p. 25. Disponível em: <http://egpbf.mec.gov.br/> . Acesso em: 15 maio 2022.

Vídeo

Pandemia do Sistema (documentário)

<https://www.youtube.com/watch?v=nTeLuwWq-R4&t=1469s>



DOCUMENTÁRIO Pandemia do Sistema. Direção: Naná Prudêncio. São Paulo, nov. 2020. 1 vídeo (31 min). Publicado por Zalika Produções (YouTube). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nTeLuwWq-R4&t=1469s> . Acesso em: 16 mar. 2022.

Texto

Os vírus afetam principalmente os pobres

CEE - Centro de Estudos Estratégicos da Fundação Oswaldo Cruz

"A experiência histórica ensina que os seres humanos, por meio de instituições e políticas, ajudam a moldar os efeitos redistributivos das pandemias. Portanto, se não interviermos de maneira oportuna, os danos socioeconômicos causados pela Covid-19 serão (também) culpa nossa", escreve Guido Alfani, em artigo publicado por La Lettura, em 30-08-2020. A tradução é de Luisa Rabolini. Republicação IHU Online.

As principais pandemias da história tiveram uma profunda influência nas sociedades humanas, e muitos estão se perguntando se a crise causada pela Covid-19 terá efeitos comparáveis. Em especial, existe uma preocupação sobre como a pandemia afetará as desigualdades. Nesse sentido, a experiência histórica oferece evidências gerais que são bastante úteis para compreender os desafios que enfrentamos.

A grande niveladora: a Peste Negra. A Peste Negra que assolou a Europa entre 1347 e 1352 permanece, pelo percentual da população morta (entre 35 e 60%, até 50 milhões de vítimas), a pandemia mais terrível do continente. Seus efeitos econômicos e sociais foram duradouros. Particularmente importantes foram as consequências sobre a distribuição de riqueza e renda: a Peste Negra parece ter desencadeado uma das duas fases de significativa contração das desigualdades encontradas nos últimos 7 séculos (a outra fase está associada às guerras mundiais).

Se os 10% mais ricos da população detinham cerca de 65% da riqueza às vésperas da pandemia, o percentual já havia se reduzido consideravelmente nos anos seguintes. A tendência de redução da desigualdade continuou por algumas décadas e, em meados do século XV, os 10% mais ricos detinham pouco menos da metade da riqueza – um mínimo histórico jamais visto posteriormente na Europa de novo.

A redução da desigualdade após a Peste Negra teve duas causas principais. Em primeiro lugar, o colapso demográfico permitiu que os trabalhadores obtivessem melhores salários e tivessem acesso, em muitos casos pela primeira vez, à propriedade. Depois, na presença de sistemas hereditários substancialmente igualitários (a herança era transmitida em proporções iguais aos filhos homens, enquanto as mulheres recebiam uma parte não muito diferente na forma de dote), os grandes patrimônios se fragmentaram. Esses efeitos, entretanto, não podem ser considerados a consequência "natural" de uma pandemia, pois

foram mediados por uma estrutura socioinstitucional específica.

As pragas do século XVII e cólera do século XIX. As últimas grandes pragas europeias tiveram, pelo menos na Europa meridional, consequências demográficas não muito diferentes da Peste Negra.

Na Itália, as duas pragas de 1629-30 e 1656-57 eliminaram cerca de um terço da população. No entanto, não deixaram vestígios visíveis nas tendências da desigualdade, que continuou a crescer ao longo da era moderna. As razões devem ser buscadas na adaptação institucional após a Peste Negra. Quando, depois de 1348, percebeu-se que a peste havia se tornado uma calamidade recorrente, as famílias de proprietários de terras começaram a proteger seus patrimônios da fragmentação indesejada. Isso exigiu o recurso a instituições, como o fideicomisso, que seguia o princípio geral da herança igualitária.

Além disso, no contexto internacional modificado do século XVII, quando as principais economias italianas já estavam sofrendo com a feroz competição dos países emergentes do norte da Europa, o colapso demográfico não foi seguido por um aumento significativo dos salários. Nos raros casos, como o da República de Veneza, em que encontramos alguns indícios de pelo menos uma desaceleração no crescimento das desigualdades, parece devido não tanto à redistribuição aos pobres quanto ao extermínio dos pobres que, desde o final do século XIV, eram as vítimas privilegiadas da peste.

Dinâmicas semelhantes são encontradas durante as pandemias de cólera do século XIX. A cólera, uma infecção que tende a se espalhar em ambientes e contextos socioeconômicos pobres, é o melhor exemplo de uma "pandemia dos pobres". Estudos recentes em alguns países ocidentais, como a França, sugerem que a cólera teve algum limitado efeito nivelador – mas apenas por causa da sobremortalidade entre os mais pobres.

A Gripe Espanhola e a Covid-19. Os casos de peste do século XVII e cólera do século XIX sugerem cautela na avaliação dos efeitos distributivos das pandemias, especialmente considerando que exemplos históricos de nivelamento estão ligados a taxas de mortalidade muito altas. Além disso, no caso da Gripe Espanhola de 1918-19, que fez muitas vítimas, mas matou um percentual relativamente pequeno da população total (na Itália cerca de 1%, ou seja, 300-400.000 pessoas), estudos em andamento sugerem que a desigualdade de renda tenha aumentado após a pandemia.

Entre as consideradas até agora, a Gripe Espanhola é a pandemia mais próxima da Covid-19, sendo caracterizada pela alta propagação, mas pela letalidade (ou seja, a probabilidade de morte dos infectados) relativamente baixa. Felizmente a Covid-19, como a

Gripe Espanhola, não causará uma contração em grande escala da força de trabalho. Mas, pelo mesmo motivo, é de se esperar que não levará a nenhuma redução da desigualdade. Pelo contrário, ao favorecer o aumento do desemprego, irá agravar as desigualdades, alimentando uma tendência que já se arrasta há vários anos.

No entanto, a experiência histórica ensina que os seres humanos, por meio de instituições e políticas, ajudam a moldar os efeitos redistributivos das pandemias. Portanto, se não interviermos de maneira oportuna, os danos socioeconômicos causados pela Covid-19 serão (também) culpa nossa.

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz. **Os vírus afetam principalmente os pobres.** CEE – Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz [online], [Rio de Janeiro], 01 set. 2020. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=os-virus-afetam-principalmente-os-pobres> . Acesso em: 16 mar. 2022.

D) MATERIAL DE APOIO

ESTRADA, Camile Duque; NÓBREGA, Lidiane. **Covid-19: Boletim indica um Brasil desigual frente à pandemia.** In: Fundação Oswaldo Cruz (repositório online), Agência Fiocruz de Notícias, Rio de Janeiro, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-boletim-indica-um-brasil-desigual-frente-pandemia> . Acesso em: 03 fev. 2022.

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz. Revista Radis. Rio de Janeiro, ed. 212, maio 2020. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/todas-as-edicoes/212> . Acesso em: 01 abr. 2022.

AVALIAÇÃO E CULMINÂNCIA DO TRABALHO

A partir de todas as atividades realizadas, o professor proporá aos alunos que escrevam suas **memórias e impressões** sobre a Covid-19.

A turma realizará a montagem de uma **sala temática** com as memórias dos alunos e de outras pessoas, contendo a exposição de murais, varais de narrativas, apresentação das entrevistas e vídeos elaborados pelos diversos grupos. Os vídeos poderão ser organizados na forma de um pequeno **documentário**, que também será exibido, assim como todo o material produzido durante a realização do projeto.

Ao final, a turma deverá apresentar esse material para toda a escola.